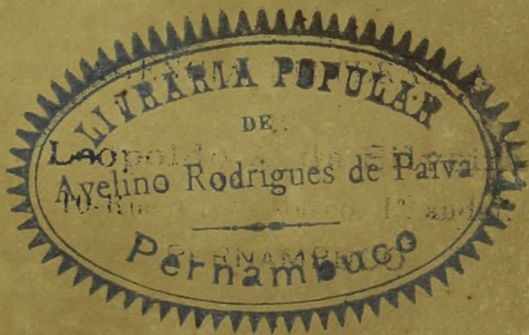


• O REI DIVERTE-SE



DO MESMO AUCTOR

<i>Aquarellas & Aguas-fortes</i> , collecção de poesias.	1 volume
<i>Os camarões</i> , monologo (2. ^a edição).	Folheto
<i>O besouro</i> , monologo	Folheto
<i>A pitada</i> , monologo	Folheto
<i>A bofetada ingleza</i> , carta a S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos I (poemeto).	Folheto

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

<i>Diversas gazetilhas</i> , collecção escolhida, com croquis de Julião Machado.	1 volume
<i>Comedias e monologos</i>	1 volume

VICTOR HUGO

O REI DIVERTE-SE

Drama em cinco actos, em verso

TRADUÇÃO DE ACACIO ANTUNES



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo N.º 32-496
MUSEU LITERÁRIO

LISBOA

Livraria do editor Antonio Maria Pereira

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

SECRET
1945
London
MUSEUM

Atenção

Aos Snrs. Assignantes

O artigo 8.º de nosso
Decreto, diz: Os Assignan-
tes são obrigados ás mensalida-
des de 2:000 reis até á data
de publicação do livro, seja que
seja a demora.

PERSONAGENS

Triboulet.

Branca.

Francisco Primeiro.

O snr. de Saint-Vallier.

Saltabasil.

Maguelonne.

Clement Marot.

O snr. de Pienne.

» de Gordes.

» de Pardaillan.

» de Brion.

» de Montchenu.

» de Montmorency.

» de Cossé.

» de la Tour-Landry.

Madame de Cossé.

A senhora Bérarde.

Um gentilhomem da rainha.

Um creado do rei.

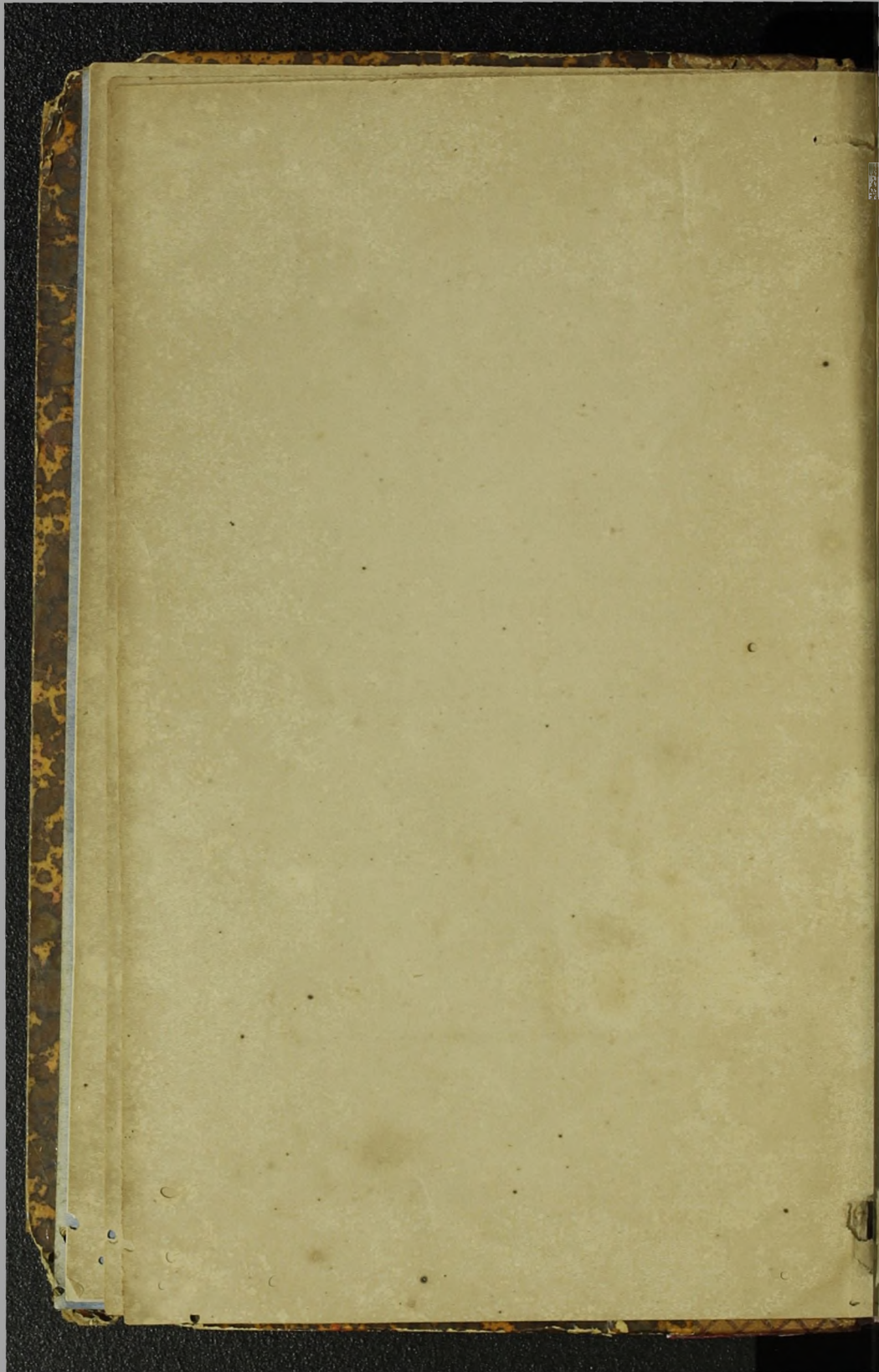
Um medico.

Um carroceiro.

Uma mulher do povo.

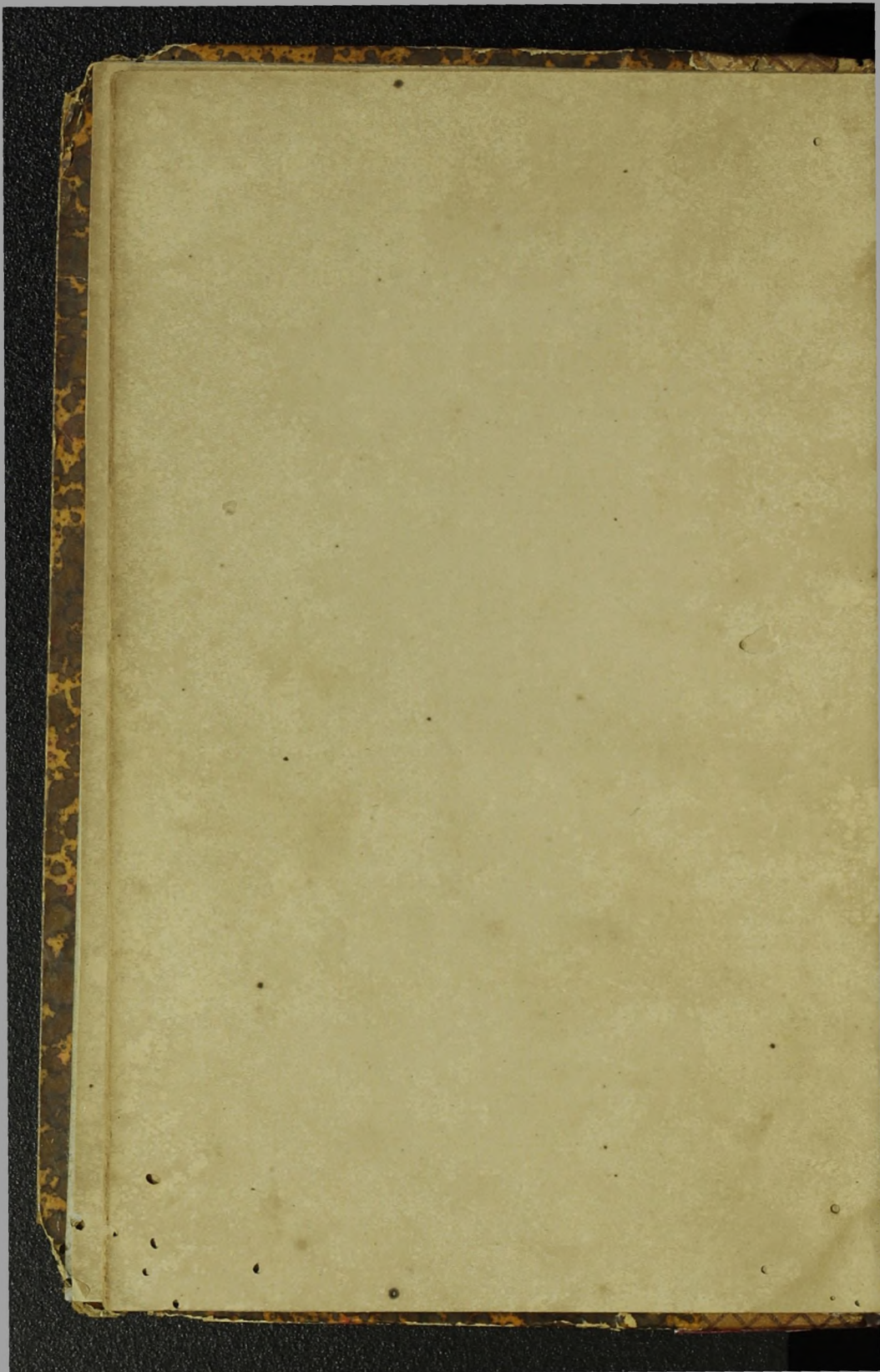
Fidalgos, pagens, homens e mulheres do povo.

Paris 152. . .



ACTO I

O SNR. DE SAINT-VALLIER



O REI DIVERTE-SE

ACTO I

O SNR. DE SAINT-VALLIER

Uma festa nocturna no Louvre. Magnificas salas cheias de cavalheiros e damas luxuosamente vestidos. Luzes, musicas, danças, gargalhadas. Criados com salvas de oiro e baixellas esmaltadas; grupos de senhores e de damas passam e repassam. Está a findar a festa; a aurora illumina as vidraças. Reina uma certa liberdade; a festa tem quasi o character de uma orgia. Na architectura, nos moveis e nos fatos o gosto da renascença.

SCENA I

O rei (como o pintou Ticiano), e o snr. de la Tour-Landry

O REI

Desejo proseguir, conde, n'esta aventura.
É burgueza, decerto, e de familia obscura,
Mas bella, encantadora!

TOUR-LANDRY

É na igreja que a vê
Vossa magestade?

O REI

É. Em Saint-Germain des Prés;
Vou lá sempre ao domingo a vê-la.

TOUR-LANDRY

E faz agora
Dois mezes que isso dura?

O REI

Exacto.

TOUR-LANDRY

Onde é que móra?

O REI

Bêco de Bussy.

TOUR-LANDRY

Junto ao palacio Cossé?

O REI *(com um gesto affirmativo)*

Onde ha um muro alto...

TOUR-LANDRY

Ah! sim! já sei onde é.

E usais seguil-a, sire?

O REI

Anda sempre com ella,
Ao seu rosto gentil fazendo sentinella,
Uma velha-cerbéro.

TOUR-LANDRY

Ah! sim?

O REI

E o mais curioso
É que uma noite vi, com ar mysterioso,
Um homem rebuçado em amplo manto escuro,
Na sombra deslizar, cosido contra o muro,
E entrar em casa d'ella.

TOUR-LANDRY

Entraí tambem, de assalto.

O REI

Está sempre fechada a porta e o muro é alto.

*

TOUR-LANDRY

Porém, quando a seguis, sire, a bella o que faz?
Corresponde ao olhar? volta-se para traz?

O REI

Pela maneira como ella olha para mim,
Creio que não lhe causo um grande horror.

TOUR-LANDRY

Emfim,

Sabe que a ama o rei?...

O REI *(com um signal negativo)*

Costumo ir disfarçado
Com um roupão de lã e manto escuro usado.

TOUR-LANDRY

Vejo que dedicais um casto e puro amor
A uma Toinon qualquer, ama de algum prior!
• *(Entram muitos cavalheiros e Triboulet).*

O REI *(a Tour-Landry)*

Schut! vem gente! Em amor ordena o bom criterio
Calar para vencer.

*(Volta-se para Triboulet que se tem aproximado e que
ouviu as ultimas palavras)*

Não é assim?

TRIBOULET

O mysterio

É a unica bocêta em que pôde guardar-se
Uma trama de amor, sem que se rompa ou escarce.

SCENA II

O rei, Triboulet (no seu costume de bobo,
como o pintou Boniface),
o snr. de Gordes e muitos senhores soberbamente vestidos

(O rei contempla um grupo de mulheres que passa).

TOUR-LANDRY

Madame de Vendosme é divina!

GORDES

E as senhoras

D'Alba e de Montchevreuil, oh! são encantadoras!

O REI

Madame de Cossé melhor que todas acho.

GORDES

Madame de Cossé! sire, fallai mais baixo.

(Indicando-lhe o snr. de Cossé, que passa ao fundo. O

sur. de Cossé, baixo e obeso, « um dos quatro mais gordos gentis-homens da França », diz Brantôme)

O marido está alli.

O REI

Que importa? Até se ufana!

GORDES

É capaz de ir contal-o a madame Diana.

O REI

E que me importa?

(Dirige-se para o fundo a fallar com outras mulheres que passam).

TRIBOULET *(a Gordes)*

Ha mais de oito dias não falla
A Diana de Poitiers; acaba por zangal-a.

GORDES

É capaz de a mandar para o marido!

TRIBOULET

Oh! não!

GORDES

Fez-se amante do rei em troca do perdão
Do pai. São quites pois.

TRIBOULET

Que idéa teve o tal
Senhor de Saint-Vallier! N'um leito nupcial
Deitar Diana, a filha, a sua filha cara,
Formoso anjo que á terra um dia o céo mandára,
Essa belleza ideal, perfeita, sem segunda,
Sem mais nem mais, a par de um senescal corcunda!

GORDES

O velho é louco. Estava eu junto d'elle então,
Com ^o ao teu lado, ao darem-lhe o perdão,
Já sobre ^{i-vos á} cada falso. A phrase decorei.
Disse isto, nada mais: «Que Deus conserve o rei!»
Agora endoideceu de todo.

O REI (*passando com madame de
Cossé*)

É decidido?

Partis?

MADAME DE COSSÉ (*suspirando*)

Para Soissons, sire, com meu marido.

O REI

Ingrata! É um crime até, agora que Paris,
O espirito mais fino, os nobres mais gentis,

Em vós todos o olhar fixam com insistencia;
No momento melhor de tão bella existencia,
Quando empregam, por vós, as musas e as espadas
O que têm de melhor em rimas e estocadas;
Quando esse ardente olhar, feito de rosicleres,
Faz ferver o ciume em todas as mulheres;
Deixando a côrte em que, como um sol, vos ergueis,
E que talvez, partindo, em trevas deixareis. . .
Ides, abandonand'o rei, duques, marquezes,
Ser, n'um céo de provincia, astro de bons burguezes!

MADAME DE COSSÉ

Socegai, sire!

O REI

Oh! não! capricho singular,
Em pleno baile, assim o lustre ir apagar!
(Entra o sr. de Cossé).

MADAME DE COSSÉ

Meu marido!

(Afasta-se rapidamente do rei).

O REI

Demonio! Occasião tão boa!
(A Triboulet)
Mas eu sempre lhe vou compondo a minha lôa.
Marot mostrou-te já os versos que arranjei?

TRIBOULET

Não, nem os quero lêr! versos! . . . versos de rei!
São detestaveis sempre.

O REI

Insolente!

TRIBOULET

A canalha

Que rime flôr e amor ou coisa assim que o valha;
De accordo. Mas a um rei são-lhe os motes adversos.
Limitai-vos a amar; Marot que faça os versos.

O REI *(com enthusiasmo)*

Compôr versos de amor, rimar, cantar as bellas!
Como é formoso, ideal! Quero soltar as velas
À minha phantasia!

TRIBOULET

Em guisa de moinho.

O REI

Mandava-te açoutar já aqui, villão damninho,
Se não fosse ahí vir madame de Coislin.

(Corre a madame de Coislin e parece dirigir-lhe alguns galanteios).

TRIBOULET (*á parte*)

Sopra-lhe d'este lado agora o vento; bem!

GORDES (*aproxima-se de Triboulet,
fazendo-lhe notar o que se passa ao fundo*)

Madame de Cossé que passa. Aposto já
Que diante do rei a luva deixará
Cahir, para que a apanhe.

TRIBOULET

Observemos.

(Madame de Cossé que vê, despeitada, as intenções do rei para com madame de Coislin, deixa effectivamente cahir o « bouquet ». O rei deixa madame de Coislin e apanha o « bouquet » de madame de Cossé, com quem fica a conversar ternamente).

GORDES (*a Triboulet*)

Vês?

TRIBOULET

Bravo!

GORDES

Eil-o preso outra vez!

TRIBOULET

A mulher é um diabo

Muito aperfeiçoado!

(O rei aperta a cintura de madame de Cossé e beija-lhe a mão. Ella ri e falla-lhe alegremente. De repente o sr. de Cossé entra pela porta do fundo. O sr. de Gordes faz notar isso a Triboulet. O sr. de Cossé detem-se com os olhos fixos no grupo formado pelo rei e sua mulher).

GORDES *(a Triboulet)*

O marido!

MADAME DE COSSÉ *(vendo o marido, ao rei que a tem quasi abraçada)*

Meu esposo!

(Solta-se das mãos do rei e foge).

TRIBOULET

Que vem aqui fazer este espheroidal zeloso?

(O rei aproxima-se do bufete ao fundo e manda que lhe sirvam de beber).

COSSÉ *(descendo pensativo)*

Que diriam os dois?

(Aproxima-se com vivacidade do sr. de la Tour-Landry que lhe faz signal de que tem a dizer-lhe alguma coisa).

TOUR-LANDRY (*mysterioso*)

Vossa esposa é bonita!

(O sur. de Cossé impertiga-se formalizado e vai ter com o sur. de Gordes, que parece ter qualquer coisa a confiar-lhe).

GORDES (*baixo*)

Vindes com uma cara assim tão exquisita!

Porque motivo olhais tanto para esse lado?

(O sur. de Cossé afasta-se de mau humor e encontra-se face a face com Triboulet, que o conduz com uns ares discretos para um canto da scena, enquanto os srs. de Gordes e de Tour-Landry riem ás gargalhadas).

TRIBOULET (*a Cossé*)

Ó caro de Cossé, que ar tão aparvalhado!

(Dá uma gargalhada e volta as costas ao sur. de Cossé que sae furioso).

O REI (*voltando*)

Oh! como sou feliz! Ao pé de mim, devéras,
Jove, Hercules não são mais que fatuas chimeras;
É ridiculo o Olympo! Oh! mulheres ideaes!
Sou deveras feliz. E tu?

TRIBOULET

Eu, muito mais!

Rio de tudo aqui, do casto e do impudico,
Dos odios e do amor. Vós gozais, eu critico!
Sois feliz como um rei; eu sou-o como um corcunda!

O REI

Minha mãe deu-me á luz em hora bem jocunda!

(Vendo sair o sr. de Cossé)

Só este de Cossé ao goso obstar procura.

O que te parece?

TRIBOULET

Elle? um tolo sem mistura.

O REI

A não ser elle, aqui tudo me dá prazer.
Que alegre esta existencia! e como é bom viver!
Tenho quanto me apraz. Sou bem afortunado,
Triboulet!

TRIBOULET

Creio bem que estais embriagado!

O REI

Ah! mas descubro além... Que braços e que olhar!

TRIBOULET

Madame de Cossé?

O REI

Sim ; vem-nos tu guardar

(Canta)

Alegre Paris que zombas
 Dos sobrios mais cabisbaixos!
 Mulheres, graciosas pombas...

TRIBOULET *(cantando)*

Homens, famosos borrachos!...

(Saem ambos. Entram muitos gentis-homens).

SCENA III

Os snrs. de Gordes, de Pardaillan, moço e loiro pagem,
 e de Vic, mestre Clement Marot,
 vestido de creado de quarto do rei; depois o snr. de Pienne
 e um ou dois outros gentis-homens.

Do quando em quando o snr. de Cossé que passeia
 meditabundo e muito grave

MAROT *(saudando o snr. de Gordes)*

O que ha de novo?

GORDES

Nada. O gozo o paço invade,
 E o rei diverte-se.

MAROT

Ah! eis uma novidade!

O rei diverte-se? oh! diabo!

COSSÉ *(que passa por detraz d'elles)*

É melindroso!

Um rei que se diverte é muito perigoso!

(Afasta-se).

GORDES

Este pobre Cossé chega a fazer-me dó!

MAROT *(baixo)*

Sim, creio que o rei faz a côrte á esposa...

(De Gordes faz-lhe um signal affirmativo. Entra o sr. de Piemme).

GORDES

Oh!

Ahi vem o caro duque!

*(Cumprimentam-se).*PIENNE *(com ar mysterioso)*

Amigos, um achado

Capaz de revolver o cerebro mais pesado;

Um caso de espantar, uma historia risivel,
Uma scena de amor, uma coisa impossivel!

GORDES

Que é?

PIENNE (*reunindo-os em grupo*)

Schut!

(*A Marot, que fôra conversar com outros*)

Mestre Clement Marot!

(*Aos outros*)

Vou descompô-lo

MAROT (*aproximando-se*)

E porquê, meu senhor?

PIENNE

Porque és um grande tolo.

MAROT

Sim? pois nunca supuz ser grande em coisa alguma!

PIENNE

Não me lembra onde li, n'uns versos teus, em summa,
Isto de Triboulet: *Fou de tête écorné,*
Aussi sage à trente ans que le jour qu'il est né...
Pois és um grande idiota!

MAROT

O carrasco me esgane

Se vos comprehendo.

PIENNE

Ouvi!

(Ao snr. de Gordes)

Senhor de Simiane.

(A Pardaillan)

Senhor de Pardaillan.

(Gordes, Pardaillan, Marot e Cossé, que veio juntar-se ao grupo, fazem circulo em volta do duque)

O que é que a Triboulet

Podia succeder de mais pasmoso?

PARDAILLAN

O quê?

• Endireitou-se?

COSSÉ

Obteve o premio de belleza?

MAROT

Foi servido talvez de fricassée á mesa!

PIENNE

Não; ainda mais pasmoso. Emfim, tem... não revelo;
Adivinhei o quê.

GORDES

Com Gargantua um duello?

PARDAILLAN

Um macaco talvez mais frio e mais faceto?

PIENNE

Não.

MAROT

O emprego do cão que faz gyrrar o espeto?

COSSE

A bolsa cheia de oiro?

GORDES

Uma alma como nós?

MAROT

Com a Virgem, no céu, uma entrevista a sós?

PIENNE

O bobo Triboulet, Triboulet, o disforme,
Supponde o que terá! — qualquer coisa de enorme!

MAROT

A marreca?

PIENNE

Debalde a imaginar te canças.
Tem uma amante!

(Todos riem ds gargalhadas).

MAROT

É boa! O duque tem lembranças!...

PARDAILLAN

Uma amante, tem graça!

PIENNE

É verdadeiro, juro!
Mostrar-vos-hei a porta, occulta, junto ao muro,
Que á noite elle transpõe envolto em negra capa,
Sombrio, mysterioso, a occultas, á sucapa.
Vou pregar-lhe uma peça. Ao passar por alli
Casualmente, uma noite, é que isso descobri.
Guardais segredo, sim?

*:

MAROT

É muito divertido!
De noite Triboulet transforma-se em Cupido!

PARDAILLAN (*rindo*)

Triboulet com mulher, é comico!

GORDES (*rindo*)

Uma sella
N'um cavallo de pau !

MAROT (*rindo*)

Mas deve ser donzella
Para, se hoje a Calais Bedford fosse outra vez,
Fazer fugir de medo o mais ousado inglez!

*(Riem todos. Chega o sr. de Vic. Pienne põe o dedo nos
labios).*

PIENNE

Schut!

PARDAILLAN (*a de Pienne*)

Mas porque é que o rei, sósinho, disfarçado,
Todas as noites sae, qual pagem namorado?

PIENNE

Póde-o dizer de Vic.

VIC

Eu tão sómente sei
Que se diverte bem sua magestade o rei.

COSSÉ

Ninguém m'o diga a mim!

VIC

Nem quero ser-lhe espia!

Para que lado o leva a regia phantasia,
Porque é que sae de noite envolto n'um capote,
Sem que por um signal a distincção denote,
Se algures vai fazer d'uma janella porta,
Como não sou casado, isso é que não me importa.

COSSÉ (*agitando a cabeça*)

Um rei — toda a nobreza o sabe muito bem —
Os gozos que possue, usurpa-os sempre a alguem.
Previna-se o que tem filhas, irmãs, mulher.
Sempre, quando um rei gosa, alguem ha de soffrer
Ante o prazer d'um rei, o medo a todos prostra:
Quando uma bôca ri, todos os dentes mostra!

VIC (*baixo aos outros*)

Como elle teme o rei!

PARDAILLAN

A esposa, ouvi dizer,
Que é menos timorata.

MAROT

Isso é que o faz tremer!

GORDES

Cossé, não pensais bem. É muito conveniente
Conservar sempre o rei jovial e contente.

PIENNE *(a Gordes)*

Sou d'essa opinião; um rei triste e sombrio
É qual joven de luto ou qual chuvoso estio...

PARDAILLAN

Um amor sem duello.

VIC

Um verso sem sentido.

MAROT *(baixo)*

Silencio! ahi volta o rei com Triboulet-Cupido.

(Entram o rei e Triboulet. Os cortezãos afastam-se com respeito).

SCENA IV

Os mesmos, o rei e Triboulet

TRIBOULET (*entrando e como proseguindo n'uma conversação começada*)

Sabios na côrte! idéa estranha e assás bizarra!

O REI

O gosto não é meu; minha irmã de Navarra
Quer-me agora rodear de sabios!

TRIBOULET

Entre nós:

Deveis concordar que eu bebi menos que vós;
Para tirar, portanto, aos factos os conceitos,
Para as causas pesar e julgar os effeitos,
Uma vantagem tenho, e até duas, direi:
Não estou embriagado e nem sequer sou rei.
— Mais vale ter a fome, a febre, a guerra, a peste,
Que ter sabios, senhor!

O REI

Que vale que eu proteste?
Ella quer-me rodear de sabios!

TRIBOULET

É desleal

Da parte d'uma irmã. — Não existe animal,
Não ha lobo, nem cão, nem ave a mais abjecta,
Corvo ou coruja; não ha theologo ou poeta,
Nem moiro, nem judeu, corcunda, vesgo ou torto,
Dromedario, elephante, urso, macaco, aborto,
Por mais pelludo e atroz, de membros mais disformes,
Que tenha sobre si mais absurdos enormes,
Que seja mais balofo e seja mais casmurro,
Mais inepto, mais vão do que esse grande burro
A que se chama sabio! Acaso precisais
Mais mulheres, prazer, poder do que gozáis?

O REI

Um dia minha irmã dignou-se de observar
Que as mulheres nem sempre haviam de bastar
Para me distrahir.

TRIBOULET

Bello remedio esse!

Sabios por distracção dar a quem se aborrece!
Deveis-vos recordar: madame Margarida
Sempre usou decisões fataes de morte ou vida!

O REI

Não terei sabios, vá; mas uns poetas mais.

TRIBOULET

Se eu fosse rei, bania uns parasitas taes !
Teria em mais receio essa horda peçonhenta
Que Belzebuth receia o hyssope da agua benta !

O REI

Cinco ou seis . . .

TRIBOULET

Cinco ou seis ! Mas cinco ou seis seria,
Sire, uma collecção viva de zoologia !

(Indicando Marot)

Pois não vos contentais, pois Marot não vos basta
Como unico exemplar d'essa nefanda casta ?

MAROT

Agradecido !

(Áparte)

O bobo em fallar muito erra.

TRIBOULET

As mulheres, ó Deus ! são o céo, são a terra,
São tudo ! Porém vós tendes mulheres, sire,
Tendes mulheres ! Como é crível que se aspire
N'um caso tal a ter sabios tambem ?

O REI

Confesso

Que não me importa nada, e nem sou eu que os peço.

(Gargalhadas n'um grupo ao fundo. A Triboulet)

Aquelles a troçar, talvez de ti, eu sei!

(Triboulet vai escutar e volta)

Não, troçam d'outro doido.

O REI

Então de quem?

TRIBOULET

Do rei.

O REI

E que dizem?

TRIBOULET

Que o rei de mais a bolsa agarra,
E que honras e dinheiro é tudo para Navarra,
E para elles nada.

O REI

Oh! vejo-os bem d'aqui
Todos tres — Montchenu, Brion, Montmorency.

TRIBOULET

Justo.

O REI

Estes cortezãos! que raça abominavel!
A um fil-o almirante, a outro condestavel,
E a outro, Montchenu, fiz mordomo da côrte.
Já viste porventura exigir d'esta sorte?

TRIBOULET

Mas vós' ainda os podeis fazer, para os calar,
Mais qualquer coisa.

O REI

O quê?

TRIBOULET

Fazel-os enforcar.

*(De Pienne, rindo, aos tres cavalheiros que se conservam
ao fundo)*

Ouvistes Triboulet, senhores? escutai-o!

*BRION (lançando-lhe um olhar de
colera)*

Ouvi!

MONTMORENCY

Pagal-o-ha!

MONTCHENU

Miseravel lácao!

TRIBOULET *(ao rei)*

Mas, sire, vós no peito um vacuo deveis ter.
Não encontrar em torno a vós uma mulher .
Que emquanto o olhar diz não, a alma vos diga sim!

O REI

Talvez encontre.

TRIBOULET

O amor, só pelo fausto, assim
Não é amor leal.

O REI

Sabes se acaso, insciente,
Existe uma mulher que me ame lealmente?

TRIBOULET

Sem vos conhecer?

O REI

Sim.

(À parte)

Não comprometto aqui
A mocinha gentil do bôco de Bussy.

TRIBOULET

Talvez uma bûrgueza?

O REI

E porque não?

TRIBOULET

Cuidado!

Uma bûrgueza, sire! Oh! sois muito arrojado!
Bicho bûrguez é mau; lucta, defende-se, arca;
Quem toca nos seus bens, nas mãos lhe fica a marca.
Basta-nos, bobo e rei, tão só lançar as mãos
Às esposas e irmãs dos nossos cortezãos.

O REI

Sim, basta-me, afinal, a esposa de Cossé.

TRIBOULET

Essa sim.

O REI (*rindo*)

Oh! dizel-o é facil; não o é,
Porém, de executar.

TRIBOULET

Raptemol-a.

O REI (*mostrando o snr. de Cossé*)

E o marido?

TRIBOULET

E a Bastilha?

O REI

Isso não!

TRIBOULET

Fica reconhecido

Até, fazendo-o duque.

O REI

O conde é ciumento.

Como um burguez, teimoso, energico e violento.

TRIBOULET (*pensativo*)

Que homem tão importuno! É pagar-lhe... exilal-o...

(*Cossé tem-se aproximado por detraz do rei e de Tribou-*

let e escuta o que elles dizem. Triboulet bate na testa, alegremente)

Mas o meio melhor, mais simples, um regalo,
— Parece incrível eu não ter-me ainda lembrado!

(Cossé aproxima-se ainda mais e escuta)

É cortar-lhe a cabeça, e está tudo acabado!

(Cossé recua assustado)

Forja-se para ahí qualquer conspiração...

COSSÉ *(furioso)*

Ah! bobo-satanaz!

O REI *(rindo e batendo no hombro de Cossé. A Triboulet)*

Deus me defenda! Então

Tu pensas em cortar esta cabeça, hein?
Olha bem para ella, amigo, olha, olha bem!
A idéa sae d'aquí, ramificar-se vai...

TRIBOULET

Bem sei: exactamente o molde d'onde sae.

COSSÉ

Degolarem-me!

TRIBOULET

E então?

O REI (*a Triboulet*)

Tu fazel-o irritar.

TRIBOULET

Diabo! não se é rei senão para gosar,
Para satisfazer a regia phantasia.

COSSÉ

Cortarem-me a cabeça! O bobo tresvaria!

TRIBOULET

Mas, com franqueza, onde é que está a necessidade
De não vol-a cortar?

COSSÉ

Affirmo-te, em verdade,
Que te castigarei, bobo!

TRIBOULET

Ah! não receio!
De nobres rodeado, a todos eu guerreio,
Sem temer a nenhum. Tenho que arriscar pouco:
Aqui sobre o pescoço, a cabeça de um louco.
Só posso receiar que esta corcunda me entre
No corpo, e como a vós, me vá cahir no ventre,
O que me desfejava.

COSSÉ (*com a mão na espada*)

Ah!

O REI

Conde, suspendei.

(*A Triboulet*)

Vem d'ahi, Triboulet.

(*Afasta-se com Triboulet, rindo.*)

GÖRDES

Muito ri hoje o rei!

PARDAILLAN

Que póde haver que tanto o riso lhe desperte?

MAROT

É muito curioso um rei que se diverte!

(*Logo que o rei e o bobo se afastam, os cortezãos aproximam-se e seguem Triboulet com um olhar de odio.*)

BRION

Vinguemo-nos do bobo!

TODOS

Hum!

MAROT

Está couraçado.

Onde o havemos de ferir?

PIENNE

Oh! não vos dê cuidado!

Sei-o eu. Todos vós o detestais aqui.

Podemo-nos vingar.

(Todos se aproximam com curiosidade)

No bêco de Bussy,

Junto do muro, ao pé do palacio Cossé,

Juntar-nos-hemos hoje, á noite, já se vê.

MAROT

Adivinho!

PIENNE

Está dito?

TODOS

Está dito.

PIENNE (fazendo-lhes signal para que se calem)

Elle ahí vem.

(Entram Triboulet e o rei rodeado de mulheres).

TRIBOULET (*aparte*)

Vou pregar uma peça agora ao rei tambem.

Vejamos...

(*Medita*).

UM CREADO (*entrando, baixo a Tribou-*
let)

O senhor de Saint-Vallier, de luto,
Quer vir fallar ao rei.

TRIBOULET (*esfregando as mãos*)

De Saint-Vallier! que escuto!

Bem bom! Mandai-o entrar.

(*O creado sae*).

No mel a sopa cae!

Que êscandalo famoso agora aqui não vai!

(*Ruido, tumulto ao fundo, d' porta*).

UMA VOZ (*dentro*)

Quero fallar ao rei!

O REI (*interrompendo a conversa-*
ção)

Não! quem é que ousa entrar?

A MESMA VOZ

Fallar ao rei!

O REI (*vivamente*)

Não! não!

(*Um velho vestido de luto afasta a multidão e vem postar-se em frente do rei, olhando-o fixamente. Todos os cortezãos se desviam com espanto.*)

SCENA V

Os mesmos e o snr. de Saint-Vallier, de luto carregado,
barba e cabellos brancos

SAINT-VALLIER (*ao rei*)

Sim! Hei-de-vos fallar!

O REI

Senhor de Saint-Vallier!

SAINT-VALLIER (*immovel*)

Sim, é esse o meu nome.

(*O rei dá um passo para elle, cheio de cólera. Triboulet detem-o.*)

TRIBOULET

Oh! sire, permitti que eu a palavra tome,
E faça ao bom velhote o meu sermão.

(Ao sr. de Saint-Vallier, em attitude theatral)

Senhor!

Vós conspirastes, nós, rei clemente, ao traidor
Perdoámos. Muito bem. Que teima agora é essa
Em querer que vosso genro os netos vos forneça?
O vosso genro é feio, um chimpanzé disforme,
Cavalga-lhe o nariz uma verruga enorme;
É vesgo — ouvi dizer, — rachitico, um pigmeu,
Pançudo como aquelle.

(Indigita Cossé que se empertiga)

E corcunda como eu.

Quem vo^sa filha visse ao lado d'elle, ria!
Não se mettesse o rei no assumpto, e dar-vos-hia
Uns netos bestiaes, vesgos, pigmeus, horriveis,
Cambaio, imbecis, medonhos, impossiveis,
Pançudos como aquelle,

(Indica de novo Cossé a quem faz uma venia e que se indigna)

e corcundas como eu.

Vosso genro é medonho! O rei, se a mão lhe deu,
Fez muito bem; e vós, em vez de uns desastrados,
Uns netinhos tereis perfeitos, acabados!

(Os cortezãos applaudem Triboulet com apupos e gargalhadas).

SAINT-VALLIER *(sem olhar para o bobo)*

Mais um insulto! — A vós, sire, é que eu fallarei;
Ouvi, como deveis, pois que sois vós o rei!

Fizestes conduzir-me um dia a mim, descalço,
Para a praça da Greve. Alli, ao cadafalso,
M'andastes-me o perdão, e eu vos abençoei,
Sem saber quanto mal custa o perdão de um rei.
Foi a minha vergonha o premio d'essa graça!
Sem respeito sequer por uma antiga raça:
O sangue dos Poitiers, sangue nobre ha mil annos,
Emquanto eu, sem prevêr vossos indignos planos,
D'alma pedia a Deus vos desse jubilosos,
Os meus dias de vida em dias gloriosos,
Francisco de Valois, n'aquelle mesmo dia,
Sem pejo, sem pudor — que negra covardia! —
No vosso leito, algoz da honra das mulheres,
Aviltando-a, infamando-a em bestiaes prazeres,
Do vosso amor brutal vós punheis á mercê
Diana de Poitiers, condessa de Brézé!
Emquanto eu me aprestava a terminar meus dias,
Minha casta Diana, ao Louvre tu corrias,
E elle, o rei, por Bayard sagrado cavalleiro,
Como aos incautos sae á estrada um bando!eiro,
Por alguns dias mais, — Deus sabe quantos, ai! —
Regateava-te a honra em troca de teu pai.
E esse tablado vil — pensal-o até faz asco! —
Que uma manhã ergueu sobre a Greve o carrasco,
Tinha de ser — á honra, ignobil armadilha! —
O tumulo do pai ou o leito da filha.
Deus que nos julga, Deus ficou horrorisado
Quando viu lá dos céos surgir n'esse tablado,

Revolvendo-se em lama, em lubrica indecencia,
A luxuria real vestida de clemencia!
Sire, um acto cruel por vós foi praticado!
Antes com o meu sangue houvesseis inundado
O cadafalso e a Greve; eu, velho respeitavel,
Emfim, merecia-o, era um dos do condestavel.
Porém, que em vez d'um velho, a filha vós levasses,
Que pisasseis aos pés, com vís promessas facéis,
Essa pobre mulher pelo terror sujeita,
Foi uma indigna acção, covardemente feita!
Calcastes o direito, a auctoridade, a lei.
Se o pai vos pertencia, a filha não, sabei!
Ah! destes-me o perdão! Ah! sim, vós a tal acto
Chamais perdão! E, creio, eu sou talvez ingrato!
Sire, em vez de enganar a minha filha então,
Porque não fostes vós ter commigo á prisão?
Eu ter-vos-hia dito: — A morte! a morte! graça
Para a minha Diana e para a minha raça!
Matai-me! julgais vós que a morte me amedronta?
Decepai-me a cabeça; a morte antes que a affronta!
Oh! sire, julgais vós que um conde, um gentilhomem,
Um christão, um judeu, um pária, qualquer homem,
Menos decapitado acaso se suppoz
Quando em vez da cabeça a honra lhe arranca o algóz?
— E o que eu diria, sire; e á noite, no ataúde,
Beijando as minhas cans, em piedosa attitude,
Na igreja iria, casta, orar ajoelhada,
Por seu honrado pai a minha filha honrada.

— Não a reclamo! a infamia a elimine, aniquile-a!
 Quando honra já não ha, tambem não ha familia!
 Que ella vos ame ou não com insensato amor,
 Nada tenho a rehver onde acabou o pudor!
 Guardai-a. — Unicamente a minha sina é esta:
 Vir-vos importunar assim em cada festa,
 E até que alguém, um pai, um esposo, um irmão,
 — E ha de havel-o! — de vós me vingue. até então,
 As vossas festas sempre eu virei repetir:
 — Sire, fizestes mal, procedestes mal, sire!
 E haveis de me escutar, e o rosto descórado
 Só ousareis erguer depois de eu ter fallado.
 Para a minha vingança aniquilar, podeis
 Restituir-me ao carrasco. Oh! não, não o ousareis,
 Com medo que o meu spectro assome áquella porta,
 Trazendo-vos nas mãos esta cabeça morta!

(Aperta a cabeça entre as mãos).

O REI *(suffocado de cólcra)*

Não se pôde ser mais audaz, mais insolente!

(Ao sr. de Piemme)

Duque. mandai prendel-o!

(Pienne faz um signal e dois alabardeiros collocam-se um de cada lado do sr. de Saint-Vallier).

TRIBOULET (*rindo*)

O velho está demente!

SAINT-VALLIER (*erguendo o braço*)

Malditos ambos sois!

(*Ao rei*)

Ao moribundo leão,

Sire, não fazeis bem soltando o vosso cão!

(*A Triboulet*)

E tu, quem quer que és, lacaio que motejas,
E escarneces a dôr d'um pai — maldito sejas!

(*Ao rei*)

Devieis-me tratar, sire, ante a minha idade,
Qual uma magestade a outra magestade.

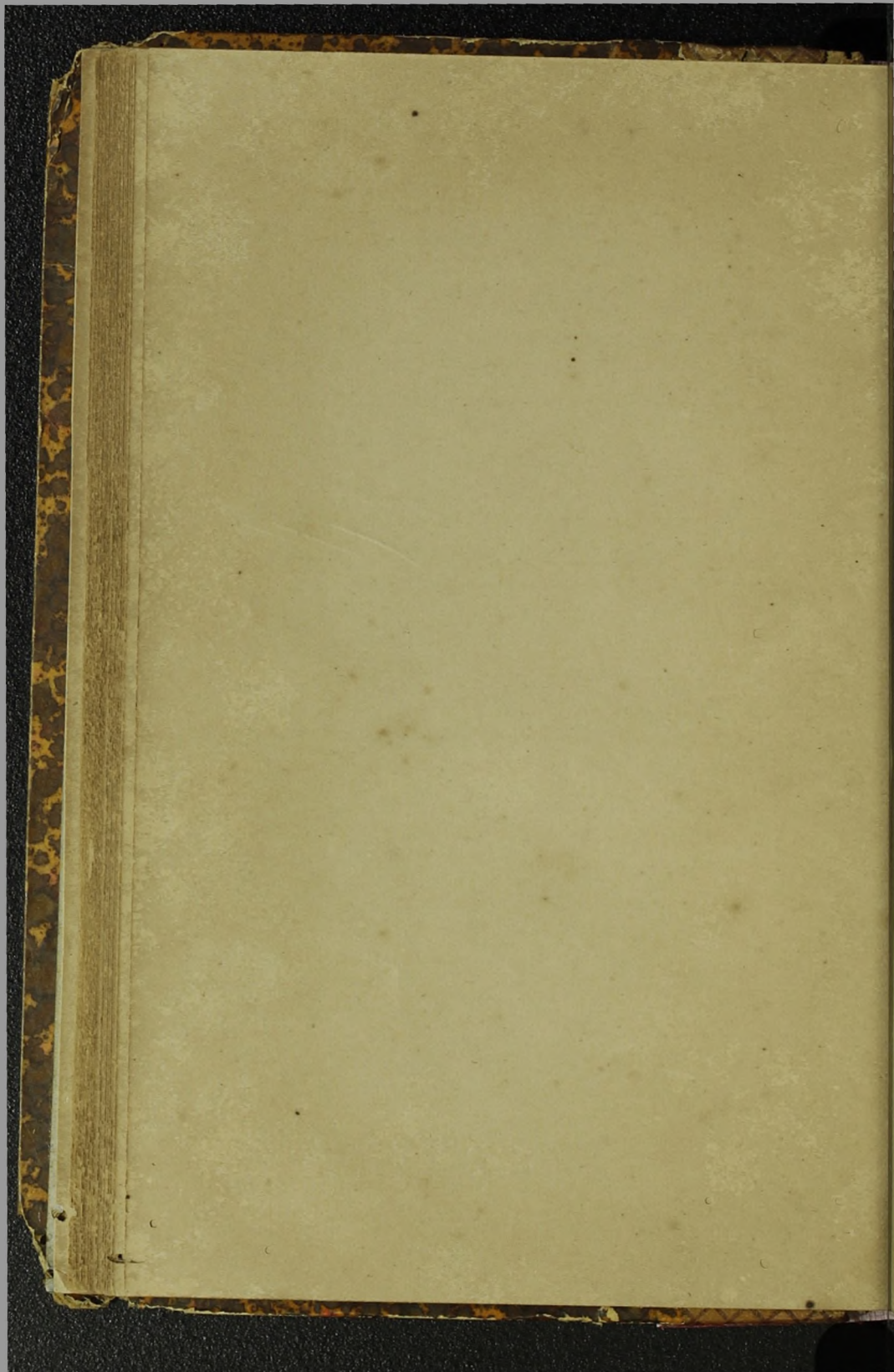
Vós sois rei, eu sou pai; a idade o throno iguala.

Ambos temos na frente uma corôa a rodeal-a,
Que de igual para igual olhar podemos francos,

Vós de flôres de lis, eu de cabellos brancos.

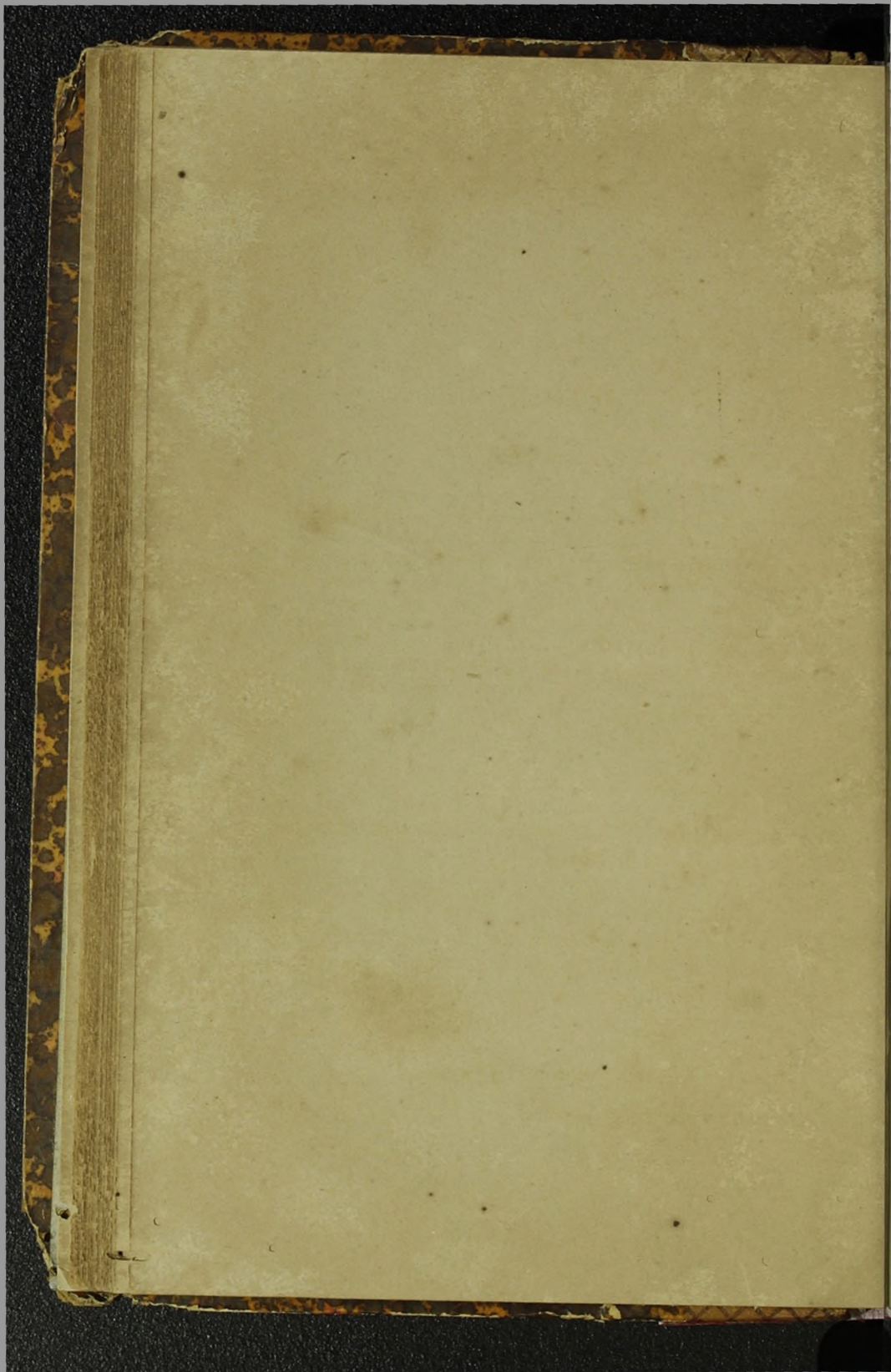
Rei, quando um sacrilegio essa corôa espesinha,

Sois vós que a vingais, sire. — É Deus quem vinga a minha!



SALTABADIL

ACTO II



ACTO II

SALTABADIL

O recanto mais deserto do bēco de Bussy. À direita uma pequena casa de discreta apparencia, com um pateo cercado de muros altos que occupam uma parte da scena. No pateo algumas arvores e um banco de pedra. No muro uma porta que dá para a rua; sobre o muro um terraço estreito, cuja cobertura é supportada por arcadas no estylo da renascença. A porta do primeiro andar da casa dá para o terraço, que communica com o pateo por uma escada. À esquerda, os muros muito altos do jardim do palacio de Cossé. Ao fundo, casas distantes d'entre as quaes se eleva a torre de S. Severino.

SCENA I

Triboulet, Saltabadil. Durante parte da scena os snrs. de Pienne e de Gordes, ao fundo

(Triboulet, envolto n'uma capa e sem nenhum dos attributos de bobo, apparece na rua e dirige-se para a porta praticada no muro. Um homem vestido de preto, e igualmente envolto em uma capa, cuja orla é erguida por um longo espadão, segue-o).

TRIBOULET *(pensativo)*

O velho! a maldição!

O HOMEM (*saudando-o*)

Senhor!...

TRIBOULET (*voltando-se de mau humor*)

Hein?

(*Procurando nas algibeiras*)

Ide, irmão;

Nada trago commigo.

O HOMEM

• Eu nada peço!

TRIBOULET (*fazendo-lhe signal de que o deixe tranquillo e se afaste*)

Então...

(*Entram os srs. de Picme e de Gordes, que ficam em observação ao fundo*).

O HOMEM

Mal me julgais, senhor; eu sou homem de espada.

TRIBOULET (*recuando*)

É um ladrão!

O HOMEM (*aproximando-se, com dôçura*)

Trazeis a mente preoccupada.

Tenho-vos visto aqui rondar ao fim do dia;
Tendes ares de quem a uma mulher vigia.

TRIBOULET (*à parte*)

Diabo!

(*Alto*)

Só commigo os meus negocios calo.

O HOMEM

É para vosso bem que d'elles eu vos fallo.
Se soubesseis quem sou, por certo d'outra sorte
Fallaveis. Ha talvez alguem que faz a côrte
A vossa esposa, e vós, zeloso...

TRIBOULET (*impaciente*)

Emfim, que quereis?

O HOMEM (*com um sorriso amavel,
baixo e rapido*)

Matar-se-ha o seductor, logo que o desejeis.

TRIBOULET (*respirando*)

Ah! bem.

O HOMEM

Vêdes, senhor, que quem vos falla assim
É um homem honrado.

TRIBOULET

Oh! por certo.

O HOMEM

E que vim

Da melhor fé.

TRIBOULET

Oh! sois de grande utilidade.

O HOMEM (*modestamente*)

Sentinella da honra ás damas da cidade.

TRIBOULET

E por quanto usais vós matar um seductor?

O HOMEM

É conforme o talento a empregar, e quem fôr.

TRIBOULET

Para um nobre senhor, por exemplo?

O HOMEM

Oh! diabo!

Isso é mais perigoso, e pode-nos dar cabo

Da pelle. Gente armada! É sério, e já declaro:
É mais caro um fidalgo.

TRIBOULET

Um fidalgo é mais caro!
Porventura, afinal, permittem-se os burguezes
Matarem-se entre si?

O HOMEM (*sorrindo*)

Succede algumas vezes!
É, effectivamente, um luxo, uma despeza
Tão sómente, em geral, usada entre a nobreza;
Simplorios ha, porém, uns fatuos, pobres homens,
Que suppondo assim dar-se ares de gentishomens,
Fazem-me trabalhar a peso d'oiro! Idiotas!
O preço estipulado é pago em duas quotas,
Uma antes, depois outra.

TRIBOULET (*agitando a cabeça*)

Arriscais a cabeça.

O HOMEM

Não! o jogo tambem á policia interessa.

TRIBOULET

Cada homem um tanto?

O HOMEM (*com um signal affirmativo*).

A menos... sim, eu sei?
Emfim, que algum de nós não vá matar... o rei!

TRIBOULET

Como usais fazer isso?

O HOMEM

Eu... mato em minha casa
E por fóra tambem, como ao freguez apraza.

TRIBOULET

Ah! sim?

O HOMEM

Na rua, espero á noitinha o sujeito...
E espeto-o contra um muro.

TRIBOULET

E como é isso feito
Em casa?

O HOMEM

Minha irmã Maguelonne, que é bella,
E que dança a primor na rua a tarantella,
Attrae a nossa casa uma noite o galan...

TRIBOULET

Entendo!

O HOMEM

Vêdes bem, graças a minha irmã,
Tudo se faz sem ruido e com decencia. Emfim,
Eis-me ao vosso dispôr, se precisais de mim;
Ficareis satisfeito. Eu não sou dos que vão
Com o punhal traïdor occulto no gibão,
E cuja intrepidez é curta como a adaga,
Dez contra um, postar-se atraz d'uma azinhaga...

(Tira debaixo da capa uma espada desmedidamente longa)

Eis o meu instrumento.

(Triboulet recua assustado)

Ao seu dispôr.

TRIBOULET *(contemplando a espada
com surpresa)*

Valente!

Não preciso, porém, d'ella presentemente.

O HOMEM *(embainhando a espada)*

Sinto. Mas voltarei logo que se me acene.
Giro ao meio dia ao pé do palacio de Maine,
E sou Saltabasil.

• TRIBOULET

Bohemio ?

O HOMEM (*cumprimentando*)

E bourgonhez.

GORDES (*escrevendo na carteira, ao fundo*)

Eis um homem que eu hei de aproveitar talvez.

• O HOMEM (*a Triboulet*)

Não pensais mal de mim, por isto, é evidente.

TRIBOULET

Não ! É mister ganhar a vida honradamente.

• O HOMEM

E não ser um mendigo, um preguiçoso... Eu tenho Quatro filhos, senhor.

TRIBOULET

A quem deveis, convenho,
Dar boa educação.

(*Despedindo-o com um gesto*)

A sorte vos proteja.

PIENNE (*a Gordes, ao fundo, indicando Triboulet*)

É muito cedo ainda, e temo que nos veja.
(*Saem os dois*).

TRIBOULET (*ao homem*)

Boa noite.

O HOMEM

Adeusinho, e ás vossas ordens pois.

TRIBOULET (*vendo-o afastar-se*)

Estamos, afinal, á mesma altura os dois.
Aqui lingua acerada, aguda espada alli.
Elle é o homem que mata, eu sou o homem que ri!

SCENA II

Triboulet, só

(*Apenas Saltabasil desaparece, Triboulet abre docemente a pequena porta do muro do pateo, olha para fóra com precaução, depois tira a chave da fechadura e torna a fechar cuidadosamente a porta por dentro. Dá alguns passos no pateo, com ar pensativo e preocupado*).

O velho amaldiçoou-me!... — Emquanto me dizia;
Emquanto me bradava: — Oh! sê maldito! eu ria!

Fui um infame, fui! zombei d'aquella dôr...
Ria, mas a minh'alma arfava de terror!

*(Vai sentar-se sobre o pequeno banco, junto á mesa de
pedra)*

Maldito!

(Profundamente pensativo, com a mão na frente)

A natureza e os homens têm-me feito
Bem covarde, bem mau, bem cruel, com effeito!
Ó vergonha! ser bobo! ó raiva! ser disforme!
Sempre esta idéa atroz, esta desgraça enorme!
Quer sonhe ou véle, após, ó mundo vil, transpôr-te,
Sempre a isto voltar: — Sou o bobo da côrte!
Não poder, não dever, não fazer senão rir!
Que opprobrio! que vergonha esta em que vim cahir!
O que aos soldados resta após uma derrota,
Reunidos em tropel, junto á bandeira rota;
O que resta após tudo, e a todos acompanha:
Nas galés ao forçado, ao mendigo de Hespanha,
Em Tunis ao escravo, ao pária no oriente;
O direito que tem de chorar toda a gente,
Não me pertence a mim! Ó Deus! Triste, fatal,
N'este corpo mal feito e onde me sinto mal,
Raçado pela dôr, d'este enorme aleijão,
Toda a força invejando e toda a perfeição,
Envolto no esplendor que mais ainda me ensombra,
Se ás vezes, triste e só, procuro alguma sombra

Onde, occulto, um instante eu recolha, tremente,
Minh'alma que soluça e chora amargamente,
Vem o meu dono logo, o meu feliz senhor,
Amado, poderoso, alegre, seductor,
Cheio de força, e vida, e saude, e confiança,
Gentil, esbelto, e moço, e bello, e rei de França,
Que me dá com o pé, suppondo-me a dormir,
E diz-me, a bocejar: — Bobo, faze-me rir!
— Pobre bobo da côrte! — E é afinal um homem!
— Pois todas as paixões que sua alma consomem,
Todo o rancor, o orgulho, a cólera impotente,
O ciume, o furor que no imo peito sente,
Os desígnios crueis que em sua mente se geram,
Os sentimentos maus que o seio lhe laceram,
Do seu dono ao signal, tudo elle cala em si,
E, para fazer rir, o bobo ignobil ri!
Abjecção! quer elle ande, ou pare, ou durma até,
Sente constantemente a braga presa ao pé!
— Sempre um desprezo atroz! Toda a gente o amesquinha.
Até uma mulher formosa, uma rainha,
Provocante, gentil, desnudo o roseo peito,
O deixa como um cão, brincar sobre o seu leito!
— Tambem, meus cortezãos, meus nobres zombadores,
Como elle vos odeia a vós tambem, senhores,
Como ás vezes vos faz pagar esse desdem,
Que respostas inventa e que desforras tem!
Como negro demonio, ao amo elle aconselha,
Os vossos bens desfaz como fugaz centelha,

E quando acaso pôde entre as unhas prender
 Uma vida feliz, lacera-a com prazer!
 — Vós fizestel-o mau! — Dôr cruel que o esmaga!
 Deitar fel no licor com que outro se embriaga!
 Se ha um instincto bom, matal-o sem detença.
 Com os guizos aturdir o espirito que pensa,
 Correr, como um agouro, as festas cada dia,
 Que não são para nós mais do que uma ironia,
 Matar por desfastio a felicidade alheia,
 Cavar aos mais a ruina onde a ambição baseia,
 E em tudo, e em toda a parte, e contra toda a gente,
 Sempre trazer em si, lançar constantemente,
 E guardar, esconder sob o riso acerado
 O velho odio no peito ha muito estravasado!
 Que desgraça cruel!

(Levantando-se do banco de pedra onde estava sentado)

Mas aqui, que me importa?

Sou outro homem, transpondo o umbral d'aquella porta.
 Esqueçamos o mundo e o mal que me devora:
 Nada quero trazer, para aqui, lá de fóra.

(Recabindo nas suas meditações)

O velho amaldiçoou-me! — Oh! quanto eu esta idéa
 Mais busco repellir, mais ella me assalteia.
 E se me succedesse uma desgraça?...

(Encolhe os hombros)

Oh! louco!

(Dirige-se para a porta de casa e bate. A porta abre-se e

uma rapariga vestida de branco vem lançar-se alegremente nos braços de Triboulet).

SCENA III

Triboulet, Branca e depois a senhora Bérarde

TRIBOULET

Minha filha!

(Aperta-a com transporte contra o peito)

Oh! detem-te! espera mais um pouco,
Sobre o meu coração. Tudo me alegria e ri!
Oh! como eu sou feliz, criança, ao pé de ti!

(Contempla-a extasiado)

— Cada vez mais gentil! — Nada te falta, vejo,
Dize, estás bem aqui? — Branca, dá-me outro beijo!

BRANCA *(nos braços de Triboulet)*

Como sois bom, meu pai!

TRIBOULET *(sentando-se)*

Não! amo-te, querida.

Se tu és o meu sangue, a minha propria vida!
Ai! se não fôras tu, que havia de eu amar,
Deus do céu!

BRANCA (*pousando-lhe a mão na frente*)

Suspirais: talvez algum pesar
Occulto! Confiai-o a vossa filha, sim?
— Não saber eu quem é minha família, emfim!

• TRIBOULET

Criança, não a tens.

BRANCA

Nem vosso nome sei!

TRIBOULET

Que te importa o meu nome?

BRANCA

Em Chinon, que eu deixei
Ila pouco, e onde fui criada, tinha ouvido '
Dizer-me que meus pais haviam já morrido.

TRIBOULET

Devia lá deixar-te, era mais acertado;
Mas não podia já viver tão isolado!
Precisava de ti, de um coração clemente.

(Abraça-a de novo).

BRANCA

Porque não me fallais de vós, unicamente?

TRIBOULET

Não saias nunca!

BRANCA

Estou aqui, ha já dois mezes,
E tenho tão sómente ido á igreja oito vezes.

• TRIBOULET

Bem.

BRANCA

Ao menos, então, fallai de minha mãe.

TRIBOULET

Não faças recordar-me essa magoa tambem.
Não m'a faças lembrar! Que tempo tão risonho!
— Se eu não te visse aqui, diria: foi um sonho! —
Uma mulher contraria ás outras todas, filha,
N'este mundo onde nada as almas assimilha,
Vendo-me pobre, só, miseravel, disforme,
Com seu amor encheu esta miseria enorme.
E morreu! e morreu! No tumulo, bem cedo,
O destino encerrou o angelico segredo

D'esse leal amor, tão dedicado e terno,
 Centelha que do céu cahiu sobre este inferno!
 Relampago fugaz! — Que a terra seja leve
 Ao seu corpo gentil que me roubou tão breve.
 — Restas-me tu!

(Erguendo os olhos ao céu)

Meu Deus! bemdito vós sejais!

BRANCA

Como deveis soffrer, meu pai; como chorais!
 O vosso pranto faz-me o coração partir!

TRIBOULET

Que dirias então, se tu me visses rir!

BRANCA

Mas quem sois vós? quem sois? Pai, no meu coração
 Vertei a vossa dôr, as vossas magoas!

TRIBOULET

Não.

Meu nome? para quê? — Sou teu pai. — Ouve, escuta:
 Só aversão lá fóra o mundo me tributa.
 Meu nome é despresado, ou temido, ou maldito!
 Não! Que farias tu quando eu t'o houvesse dito?
 Quero ao menos aqui, na tua convivencia,
 N'este canto do mundo, onde é tudo innocencia,

Não ser para ti mais que um pai; ser, ao teu lado,
Qualquer coisa de santo, e augusto, e venerado!

BRANCA

Meu pai!

TRIBOULET (*serrando-a com transpor-
te nos braços*)

Por mim acaso agita-se outro seio?

Oh! amo-te por tudo o que na terra odeio!

— Senta-te aqui. Porque fallar d'outros assumptos?

Amas-me muito, filha? Ah! pois que estamos juntos,

E pois que a tua mão nas minhas mãos repouza,

O que é que nos obriga a fallar d'outra coisa?

Filha, ó unico bem que o céo me concedeu,

Os outros têm pai, mãe, parentes, que sei eu?

Marido, esposa, irmãos, vassallos e creados,

Um cortejo de avós, amigos e alliados.

Eu só a ti possuo, a ti só! — Outros têm

Riquezas; tu és, filha, o meu unico bem.

Outros crêem em Deus; eu creio só em ti!

Têm outros juventude, o amor que lhes sorri,

Têm o orgulho, o esplendor, a saude, a bravura,

A belleza; eu só tenho a tua formosura!

A minha terra, o meu paiz, todos os meus,

Minha irmã, minha mãe, minha filha, o meu Deus,

Minha lei, meu thesouro, o meu culto vehemente,

Meu universo és tu, sempre tu, tu sómente!

Sim! para tudo o mais minh'alma sinto morta!
— Se eu te perdesse!... — Oh! não! a mente não supporta
Esta idéa cruel, um momento que fosse.
— Sorri-me um pouco, filha. — O teu sorriso é dôce
Como o de tua mãe! Era, como tu, bella.
Pões ás vezes a mão na fronte, assim como ella,
Como para a enxugar; precisa uma alma pura
Sempre limpida a fronte, o olhar todo candura.
Dentro em mim esse olhar a tempestade acalma.
Do teu corpo através minh'alma vê tua alma:
Fechando os olhos, mesmo assim, ainda te vejo.
A luz vem-me de ti. Eu tinha até desejo
De ser cego, viver n'um cahos bem profundo,
A fim de não possuir outro sol n'este mundo!

BRANCA

Quizera-vos tornar feliz!

TRIBOULET

A quem? a mim?
Sou bem feliz aqui; basta-me vêr-te assim,
Como o avarento vê as moedas que enthesoira.

(Passa-lhe a mão pelos cabellos, sorrindo)

Que linda trança escura! Em pequena eras loira;
Quem o dissera!

BRANCA (*cariciosamente*)

Um dia, oh! era tão feliz
Se eu pudesse sahir um pouco, vêr Paris!

TRIBOULET (*impetuosamente*)

Oh! nunca! Minha filha, acaso tens sahido
Com a senhora Bélarde?

BRANCA (*tremente*)

Oh! não!

TRIBOULET

Toma sentido!

BRANCA

Vou tão sómente á igreja.

TRIBOULET (*á parte*)

Ó céos! se a vê alguém,
Se a segue, se m'a inveja, e se roubar-m'a vem!
Sim, a filha de um bobo! Era um bello entremez;
Toda a gente riria! oh!

(*Alto*)

Peço-te outra vez:

Conserva-te aqui sempre em casa. Se soubesses
Como é fatal esse ar de Paris que appeteces!

Que turba libertina a honestidade insulta!
Os nobres sobretudo!

(Erguendo os olhos ao céu)

Oh! Deus! aqui occulfa,
Sob o teu protector e dôce olhar conserva-a,
Salva-a da tentação, livra-a do mal, preserva-a
Do rijo temporal que esfolha as outras, flôres,
Para que um pobre pai balsamo encontre ás dôres,
Aspirando o perfume ideal de suavidade
D'esta rosa gentil de graça e virgindade!

(Occulta a cabeça entre as mãos e chora),

BRANCA

Pois bem, não fallarei mais em sahir, porém,
Não quero que choreis.

TRIBOLLET

Não! isto faz-me bem.
Ri tanto hontem á noite!

(Erguendo-se)

Oh! mas é tarde já.
Deixo esquecer-me aqui. Branca, é mister que eu vá
Retomar a coleira.

(Escurece).

BRANCA

Até breve?

TRIBOULET

Talvez.

Minha filha, não sou senhor de mim, bem vês.

(Chamando)

Senhora Bérarde!

(Uma aia velha apparece á porta da casa).

SENHORA BÉRARDE

Hein? senhor?

TRIBOULET

Quando aqui venho

Ninguem me vê entrar?

SENHORA BÉRARDE

Isto é tão só! Não tenho

Visto ninguem.

*(É quasi noite. Do outro lado do muro, na rua, apparece o rei, disfarçado com uma roupa simples de côr sombria; examina a altura do muro e a porta, que está fechada, com signaes de impaciencia e de despeito).*TRIBOULET *(abraçando Branca)*

Adeus, minha filha adorada.

(Á senhora Bérarde)

A porta para o caes estará bem fechada?

(A senhora Bérarde faz um signal affirmativo)

Sei de uma casa que ha, por traz de Saint-Germain,
Ainda mais retirada. Hei de ir vê-la amanhã.

BRANCA

Gosto d'esta, meu pai, por causa do terraço,
D'onde avisto os jardins.

TRIBOULET

Não subas lá!

(Escutando)

Um passo

Na rua; não ouvis?

*(Vai á porta do pateo, abre-a e olha para fóra, inquieto.
O rei occulta-se n'um recanto, junto da porta, que Triboulet deixa entreaberta).*

BRANCA *(indicando os terraços)*

Nem ao anoitecer

Posso ir alli?

TRIBOULET *(voltando)*

Cuidado! alli podem-te vêr.

(Emquanto Triboulet volta as costas, o rei penetra subrepticamente no pateo e occulta-se por detraz de uma grande arvore).

(Á senhora Bérarde)

Não ponhais nunca luz á janella, ouvi bem!

SENHORA BÉRARDE (*juntando as mãos*) .

Mas, senhor, como quereis vós que entre aqui alguém ?

(*Volta-se e vê o rei por detrás da arvore. Interrompe-se pasmada. No momento em que vai a abrir a bocca para gritar, o rei deita-lhe no avental uma bolsa que ella aggarra e pèsa na mão, e que a faz calar*).

BRANCA (*á Triboulet que subira ao terraço com uma lanterna*)

Tamanhas precauções, meu pai! Cá dentro, aqui,
Que receais ?

TRIBOULET

Por mim nada; tudo por ti.

(*Aperta-a mais uma vez nos braços*)

Mas adeus, Branca, adeus!

(*Um raio da lanterna que a senhora Bérarde tem na mão, illumina Triboulet e Branca*).

O REI (*d'parte, occulto*)

Triboulet!

(*Ri*)

Que farçante!

Filha de Triboulet! A aventura é galante!

TRIBOULET (*vai a saber e volta atraz*)

E dissei, quando á igreja as duas vão orar
Ninguem vos segue?

(*Branca abaixa os olhos embaraçada*).

SENHORA BÉRARDE

Oh! não!

TRIBOULET

Se vos importunar
Um dia alguém, gritai.

SENHORA BÉRARDE

Não sou mosquinha morta!

TRIBOULET

E não deveis abrir, se alguém bater á porta.

SENHORA BÉRARDE (*como, exagerando as
precauções de Triboulet*)

Mesmo que seja o rei?

TRIBOULET

Principalmente o rei!

(*Beija ainda uma vez a filha e sae, fechando a porta*).

SCENA IV

Branca, a snr.^a Bérarde e o rei, que durante a primeira parte da scena se conserva occulto por detrás da arvore

BRANCA (*pensativa, escutando os passos do pai que se afasta*)

Sabes? Sinto um remorso.

SENHORA BÉRARDE

Ora! e porquê, dizei?

BRANCA

Como a mais simples coisa o faz assustar tanto!
Nos olhos, ao partir, vi tremular-lhe o pranto.
Meu pobre pai! tão bom! Devia-o prevenir
De que ao domingo, á hora em que usamos sahir,
Segue-nos um rapaz. Sabes? aquelle... o tal.

SENHORA BÉRARDE

E porque havieis vós de dizer-lh'o, afinal?
Vosso pai é um pouco azêdo; era capaz
De o matar. Só se odiais esse pobre rapaz.

BRANCA

Eu odial-o? oh! não! — Antes pelo contrario,
Desde que o vi, não posso — é extraordinario! —

Um momento esquecel-o: A vê-lo sempre estou,
Desde que o seu olhar com meu olhar cruzou.
Pertenço-lhe, vês tu? Faço d'elle uma idéa!
Supponho-o superior a tudo o que o rodeia!
Como é altivo e meigo! e que nobreza tem!
E a cavallo, Bérarde; olha que monta bem!

SENHORA BÉRARDE

Realmente é soberbo!

(Passa junto do rei que lhe dá um punhado de peças d'ouro, que ella mette na algibeira).

BRANCA

Ah! tu suppõel-o então...

SENHORA BÉRARDE *(estendendo a mão ao rei, que lhe dá mais dinheiro)*

Perfeito.

BRANCA

O seu olhar reflecte o coração;
Um grande coração!

SENHORA BÉRARDE

Um coração immenso!

(A cada palavra que diz, a senhora Bérarde estende a mão ao rei que lh'a enche de peças d'ouro).

BRANCA

Valente.

SENHORA BÉRARDE (*com o mesmo jogo*)

Destemido!

BRANCA

E bom.

SENHORA BÉRARDE (*estendendo a mão*)

• • Tal qual eu penso!

BRANCA (*com um profundo suspiro*)

Agrada-me!

SENHORA BÉRARDE (*estendendo a mão, a cada palavra*)• E as feições! Ninguém se lhe compára!
— Olhos!... — nariz!... — a bocca!...O REI (*á parte*)

A coisa sae-me cara!

Por miudos me admira, esgota-me a escarcella!

BRANCA

Gosto de ouvir-te assim fallar.

SENHORA BÉRARDE (*á parte*)

Pela voz d'ella.

O REI (*á parte*)

Azeite sobre o lume!

SENHORA BÉRARDE

O seu olhar reflecte

Um grande coração!

O REI (*á parte*)

Diaho! Ella repete?

SENHORA BÉRARDE (*continuando*)

Valente, generoso, altivo... e com certeza,
Pelos ares que tem, pertence á alta nobreza!

(Estende a mão. O rei faz-lhe signal de que já não tem dinheiro).

BRANCA

Não quizera que fosse um nobre, rico e ufano,
Mas um pobre estudante, honesto, provinciano...
Devem amar melhor.

SENHORA BÉRARDE

Sim, não direi que não...

Se o preferis assim. . .

(Áparte)

Que gosto tão ratão!

Coisas da gente moça, idéas que ella tem!

(Estende outra vez a mão ao rei)

E o pobre do rapaz parece amar-vos bem.

(O rei não dá nada. Áparte)

Se a fonte se esgotou, não abro mais o bico!

BRANCA *(sempre sem vér o rei)*

Nunca aos domingos vem a tempo; e como eu fico

Triste, quando não vem! Como elle me enfeitiça!

Outro dia julguei, ao terminar da missa,

Que me vinha fallar. Fiquei toda tremente!

Ainda scismo hoje n'isso! Hoje? constantemente!

Por mim, creio tambem que esse gentil rapaz

Sempre no coração a minha imagem traz,

E que este amor o absorve. Oh! vê-se logo bem:

Não ama outra mulher, não pensa em mais ninguem!

Não ha jogo ou prazer que possa interessal-o.

Em mim sómente pensa.

SENHORA BÉRARDE *(fazendo um derradeiro esforço e estendendo a mão ao rei)*

Eu ia até jural-o!

O REI (*dando-lhe um anel que tira do dedo*)

Vale um anel a jura!

BRANCA

Oh! tenho até momentos
De noite em sonhos bons, de dia em pensamentos,
Em que vendo-o a meus pés...

(*O rei sae de traz da arvore e vai ajoelhar junto d'ella, que está olhando para o lado opposto*)

sem que me atemorise,
Lhe digo palpitante: — oh! amo...

(*Volta-se, vê o rei a seus pés e detem-se petrificada*).

O REI (*estendendo-lhe os braços*)

Amo-te! dize!

Acaba! acaba! — Oh! dize: amo-te! — Oh! dôce bem,
Nos teus lábios, que encanto essa palavra tem!

BRANCA (*assustada procura com os olhos a senhora Bérarde, que desapareceu*)

Bérarde! ó Deus! ninguém! sósinhos!

O REI (*ainda de joelhos*)

Dois amantes

São por si sós um mundo, em tão ideaes instantes!

BRANCA (*tremente*)

D'onde vindes?

O REI

Do inferno ou do céu, se te apraz.

Seja qualquer dos dois, Gabriel ou Satanaz,

Amo-te!

BRANCA

Ó céos! Senhor, por piedade, sahi!

Se o soubesse meu pai, se elle vos visse aqui!...

O REI,

Sahir, quando tremente em meus braços te aperto,

Quando és minha, quando eu te sinto aqui tão perto!

— Amas-me! tu o disseste.

BRANCA (*confusa*)

Elle ouviu quanto eu disse!

O REI

Que harmonia melhor quizeras que eu ouvisse?

BRANCA (*supplicante*)

Bem; fallaste-me já; agora, por piedade,

Sahi!

O REI

Sahir, deixando aqui a felicidade!
Sahir, quando ao amor teu peito se desvela,
E no mesmo céo fulge a nossa dupla estrella;
Quando o teu seio acorda, e que o céo me conduz
A abrir-te a alma ao amor e as palpebras á luz!
Oh! vem! o amor é o sol que na alma a luz derrama.
Não sentes aquecer-te essa divina chamma?
O sceptro que nos dá e após nos rouba a morte,
A gloria que na guerra aos reis concede a sorte,
Ter um nome immortal, domínios sumptuosos,
Ser rei, imperador, são tudo humanos gosos;
Tão só na terra existe, immaculada flôr,
Uma coisa divina, uma sómente — o amor!
Branca, Branca, a ventura espera á tua porta;
Abre-lhe; escuta a voz que, timida, te exorta
É uma flôr a vida, o amor o seu perfume.
A pomba unida á aguia attinge o altivo cume.
É a graça tremente á força vinculada,
Na minha a tua mão dôcemente apertada.
Amemo-nos!

(Tenta beijal-a. Ella debate-se).

BRANCA

Oh! não! deixai-me!

(Elle aperta-a nos braços e dá-lhe um beijo).

SENHORA BÉRARDE *(ao fundo, no terraço, áparte)*

Isto vai bem!

O REI *(áparte)*

É minha!

(Alto)

Amas-me? dize!

SENHORA BÉRARDE *(áparte)*

E a labia que elle tem!

O REI

Dize mais uma vez, ó Branca, ó minha vida!

BRANCA *(baixando os olhos)*

Bem o sabeis.

O REI *(beija-a de novo com transporte)*

Oh! sou feliz!

BRANCA

Estou perdida!

O REI

Feliz tambem serás.

BRANCA (*despreendendo-se-lhe dos braços*)

Não sei quem sois, porém!
Como é que vos chamais?

SENHORA BÉRARDE (*à parte, ao fundo*)

A boas horas vem!

BRANCA

Não sois fidalgo, não? Meu pai receia-os tanto!

O REI

Oh! não! Chamo-me...

(*À parte*)

Occulto o nome por enquanto.

(*Procurando*)

Sou... sou Gaucher Mahiet — um simples estudante...
Muito pobre!

SENHORA BÉRARDE (*que n'este instante conta o dinheiro que elle lhe deu*)

Que pèta!

(*Entram na rua os surs. de Piemme e de Pardaillan, em- buçados em capotes, com uma lanterna de furta-fogo.*)

PIENNE (*baixo a Pardailan*)

É alli adiante.

SENHORA BÉRARDE (*baixo e descendo precipitadamente do terraço*)

Ouvi passos na rua.

BRANCA (*assustada*)

Oh! é meu pai, talvez!

SENHORA BÉRARDE

Sahi, senhor, sahi!

O REI (*á parte*)

Quem será o descortez

Que vem incomodar-me?

BRANCA (*á senhora Bérarde*)

É melhor que elle vá

Pela porta do caes.

O REI

Que? pois deixar-te já?

Amar-me-has sempre?

BRANCA

E vós?

O REI

Sempre, meu dôce bem!

BRANCA

Eu enganei meu pai; enganar-me-heis tambem!

O REI

Oh! nunca! Um beijo só, Branca, aqui, d'este lado.

SENHORA BÉRARDE (*à parte*)

Não faz senão beijar, este endemoninhado!

BRANCA (*resistindo um pouco*)

Nao! não!

(O rei beija-a e entra para casa com a senhora Bérarde. Branca fica por alguns instantes com os olhos fixos na porta por onde elle sahio; depois entra tambem em casa. Durante este tempo, a rua enche-se de gentishomens armados, envoltos em capas e mascarados. Aos snrs. de Gordes, Cossé, Montchemu, Brion e Montmorency juntam-se successivamente Clement Marot e os surs. de Pienne e de Pardailan. A noite é escurissima. A lanterna de furta-fogo está fechada. Trocam-se entre si signaes de reconhecimento, indicando uns aos outros a casa de Branca. Segue-os um creado com uma escada de mão).

SCENA V

Os gentishomens, depois Triboulet e depois Branca

(Reapparece Branca pela porta do primeiro andar, sobre o terraço, trazendo na mão uma luz que lhe illumina o rosto).

BRANCA *(no terraço)*

Gaucher Mahiet! nome d'esse a quem amo,
Grava-te no meu peito!

PIENNE *(aos gentishomens)*

Alviçaras reclamo!

Eil-a!

PARDAILLAN

Ella!

GORDES *(desdenhosamente)*

Qualquer formosura vulgar.

(Ao snr. de Pienne)

Se vens, entre os villões amantes alistar,
Lamento-te.

(N'este momento Branca volta-se de forma que os gentishomens a podem vér bem).

PIENNE (*a Gordes*)

E que tal?

MAROT

É bonita, a villã!

GORDES

É um anjo, uma fada, a estrella da manhã!

PARDAILLAN

A amante do truão, de Triboulet, é ella?...
Sonso!

GORDES

Villão ruim!

MAROT

Ao mais feio a mais bella!

É mui justo, afinal: — Jupiter cruza as raças.

(Branca entra em casa. Apenas se vê a luz illuminando a janella).

PIENNE

Não percamos o tempo em frivolas chalaças.
Resolveu-se entre nós castigar Triboulet;
Ora, estamos aqui todos, como se vê,

Com o nosso rancor e uma famosa escada.
Escalemos o muro e levemos raptada
A amante para o Louvre. E sua magestade,
Quando acorde, ámanhã, que encontre esta beldade.

COSSÉ

E o rei é bem capaz de aceitar o presente.

MAROT

Lá isso é que nos é de todo indifferente.

PIENNE

Bem respondido! Á obra!

GORDES

Um rei bem jovial!

(Entra Triboulet).

TRIBOULET *(pensativo, ao fundo)*

Volto... nem sei porquê... para quê!...

COSSÉ *(aos gentishomens)*

Afinal,

Senhores, achais bom, achais muito decente
Que o rei ande a roubar a esposa a toda a gente?
Quizera vêr, se alguém lhe usurpasse a rainha,
Que diria!

*

TRIBOULET (*avançando alguns passos*)

Não sei o que a alma me adivinha!

— A maldição do velho! — Oh! supplicio horroroso!

(A escuridão é tão profunda que não vê o sr. de Gordes junto d'elle, e dá-lhe um encontrão ao passar)

Quem está ahí?

GORDES (*descendo apressadamente, aos outros gentishomens*)

Triboulet, meus senhores!

COSSÉ (*baixo*)

Famoso!

Morte ao traidor!

PIENNE

Oh! não!

COSSÉ

Porque não?

PIENNE

D'essa sorte

Não tínhamos de quem rir amanhã na corte.

GORDES

Oh! mata-o, afinal não tem nenhuma graça.

COSSÉ

Vai-nos incommodar.

MAROT

Voto que se lhe faça
Melhor partida; esperai.

TRIBOULET (*que tem estado de obser-
vação a vér se ouvié*)

Segredam!... quem serão?

MAROT (*aproximando-se*)

Triboulet!

TRIBOULET (*com voz terrível*)

Quem está ahí?

MAROT

Eh! não me mordas, cão!

Sou eu.

TRIBOULET

Tu, quem?

MAROT

Marot.

TRIBOULET

A noite é como breu!

MAROT

P'ra nos servir, Satan pintou de preto o céu.

TRIBOULET

Com que fim?

MAROT

Nosso intento é facil vêr qual é:
Raptarmos para o rei madame de Cossé.

TRIBOULET (*respirando*)

Ah! bem!

COSSÉ (*à parte*)

O meu desejo era quebrar-lhe uma aza!

TRIBOULET (*a Marot*)

Mas como ides fazer para lhe entrar em casa?

MAROT (*baixo a Cossé*)

Dai-me a chave.

(*Cossé passa a chave a Marot que a transmite a Tribou-
let*)

Olha, apalpa a chave; d'este lado
Não sentes o bração de Cossé cinzelado?

TRIBOULET (*apalpando a chave*)

Sim, tres folhas de serra.

(*Aparte*)

Estou doido, afinal!

(*Indicando o muro á esquerda*)

O palacio é aqui; nem me lembrava tal!

(*A Marot, restituindo-lhe a chave*)

Ao pañudo Cossé v'indes então raptar
A esposa? Pois tambem na empreza quero entrar!

MAROT

Tens de te mascarar como nós.

TRIBOULET

Sem demora,

Mascara para mim tambem!

MAROT

Ahi tens.

(*Marot põe-lhe uma mascara, juntando-lhe um lenço que
lhe adapta aos olhos e ás orelhas.*)

TRIBOULET

E agora?

MAROT

Segura a escada tu.

(Os gentishomens applicam a escada ao muro do terraço. Marot conduz alli Triboulet, que a segura).

TRIBOULET *(com as mãos na escada)*

Quantos sois? — Cada vez

Vejo menos!

MAROT

A noite é negra como pez!

(Aos outros, rindo)

Podemos fazer tudo em paz e com socego;

O lenço que lhe puz tornou-o surdo e cego.

(Os gentishomens sobem a escada; mettem dentro a porta do primeiro andar, sobre o terraço, e penetram em casa. Momentos depois, um d'elles reapparece no pateo cuja porta abre por dentro; chega em seguida ao pateo o grupo todo, e sae pela porta levando Branca, meio vestida e amordaçada, debatendo-se).

BRANCA *(com voz suffocada, ao longe)*

Meu pai! meu pai! soccorro! acudam-me!

VOZES DE GENTISHOMENS (ao longe)

Victoria!

TRIBOULET (que ficou só, segurando a escada)

Uma demora assim! Já me parece historia!

Nada vejo nem ouço! Acaso?...

(Larga a escada, leva a mão á mascara e encontra o lenço)

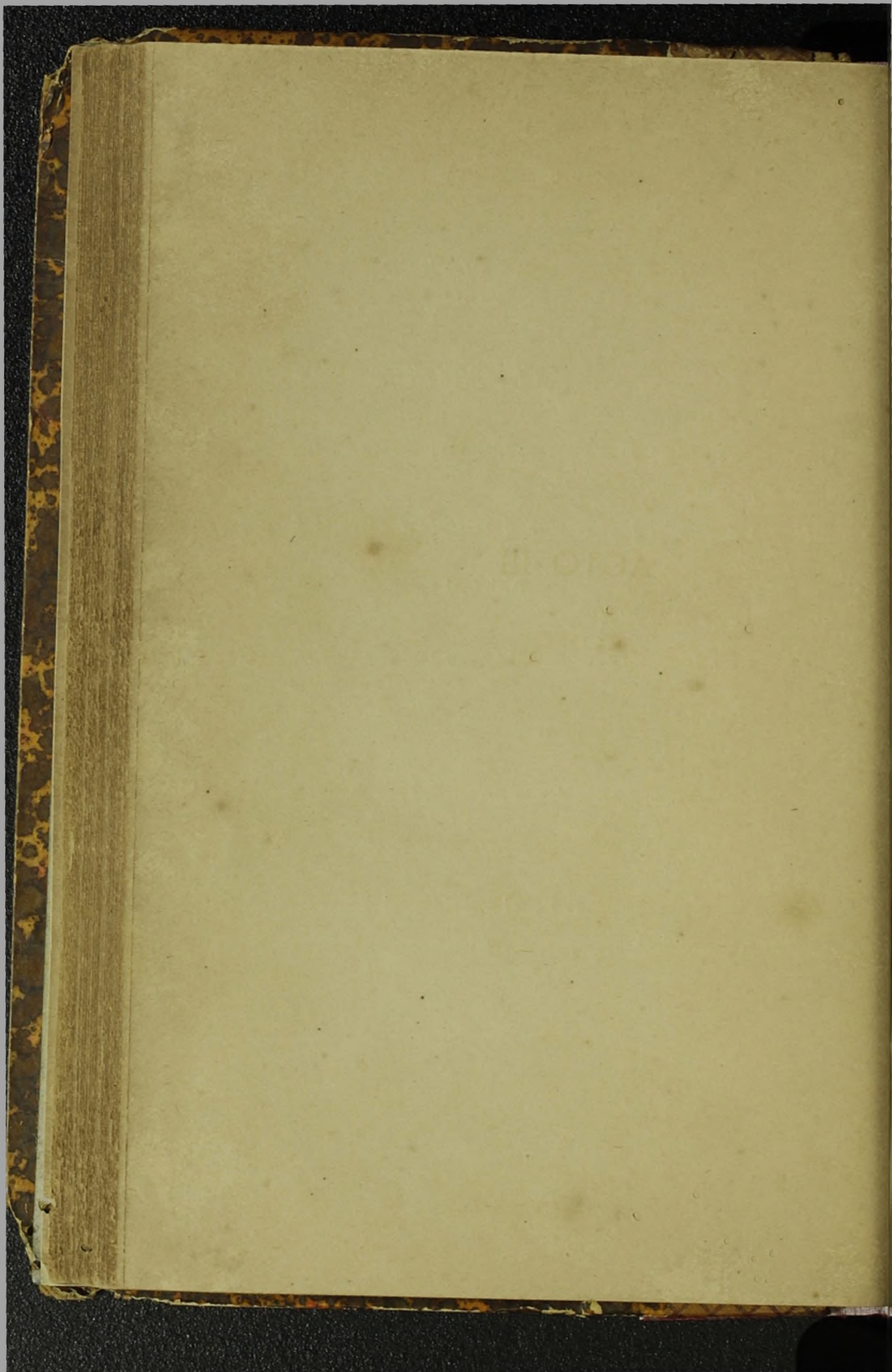
Ah! mas então

Vendou-me os olhos elle!

(Arranca o lenço e a mascara. Á luz da lanterna de furtta-fogo que esqueceu no chão, vê uma coisa branca, apanha-a e reconhece o véo da filha. Volta-se; vê a escada applicada ao muro do terraço e a porta da casa aberta; entra como um furioso e reaparece momentos depois arrastando a senhora Bérarde amordaçada e meio vestida. Olha-a estupefacto, em seguida arranca os cabellos, soltando gritos inarticulados. Finalmente pôde fallar)

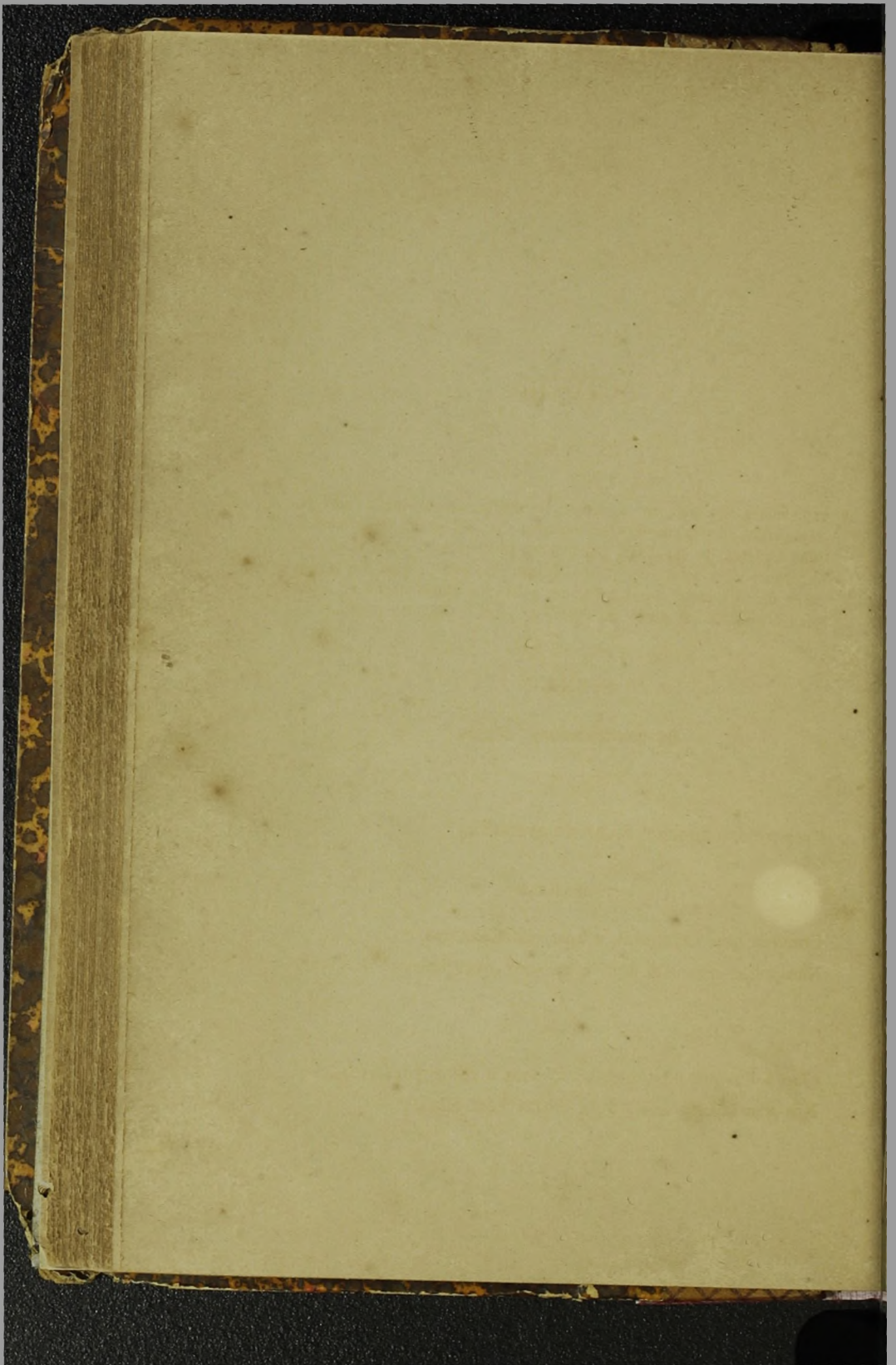
Ó Deus! a maldição!

(Cae sem sentidos).



ACTO III

O REI



ACTO III

O REI

A antecamara do rei, no Louvre. Dourados, esculpturas, moveis, tapeçariãs, no gosto da Renascença. No 1.º plano, uma meza e uma cadeira de espaldar. Ao fundo, uma grande porta dourada. À esquerda, a porta do quarto de dormir do rei, com um reposteiro de tapeçaria. À direita, um aparador cheio de baixella de oiro e esmalte. A porta do fundo dá para o jogo da malha.

SCENA I

Os gentishomens, depois

GORDES

Preparemos agora o fecho da aventura.

PARDAILLAN

Convem que Triboulet, n'uma cruel tortura,
Não sonhe que está aqui a amante, cavalheiros!

COSSÉ

Que a busque, justamente! O peor é se os porteiros
Nos viram esta noite aqui entrar com ella.

MONTCHENU

Deu-se-lhes ordem já de affirmar, á cautela,
Que em toda a noite aqui mulher nenhuma entrou.

PARDAILLAN

Além d'isso, um laçaiio astuto se enviou
Á porta d'elle, para o rasto lhe apagar,
E aos visinhos dizer que hontem vira arrastar
Á meia noite, para o palacio Hautefort,
Á força uma mulher.

COSSÉ (*rindo*)

Án! sim? tanto melhor!
O palacio Hautefort muito do Louvre dista.

GORDES

De qualquer fórma é bom fazer perder-lhe a pista.

MAROT

Esta manhã mandei um bilhetinho ao bobo:
« Triboulet, n'este instante a tua amante roubo.
Vou viajar com ella, é bom que t'o revele.
Adeus ».

(*Todos riem*).

GORDES (*a Marot*)

E a assignatura é?...

MAROT

« João de Nivelle!

(As gargalhadas redobram).

PARDAILLAN

Tem que procurar, tem!

COSSE

Que partida impagavel!

GORDES ,

Ah! n'um momento só vai esse miseravel,
Arrancando o cabelo, em furia, as mãos crispadas,
Pagar-nos com usura as dividas passadas!

(A porta lateral abre-se. Entra o rei vestido com um magnifico « negligé » de manhã. Acompanha-o o sr. de Pienne. Todos os cortezãos se afastam e se descobrem.. O rei e o sr. de Pienne riem ás gargalhadas).

O REI *(dirigindo-se á porta do fundo)*

Ella está alli?

PIENNE

Sim, sire.

COSSÉ (*á parte*)

Abre as fauces o lobo!

O REI

Tem graça! eu a raptar a amante do meu bobo!

PIENNE

A amante ou a mulher!

O REI (*á parte*)

Filha! mulher! Por mim,
Jámais o presumi pai de familia assim!

PIENNE

Digna-se vê-la o rei?

O REI

Decerto!

(Pienne sae, voltando um momento depois com Branca, velada, que se apoia a elle vacillante. O rei senta-se negligentemente na sua cadeira).

PIENNE (*a Branca*)

Vinde cá,

Depois vacillareis quanto quizerdes; vá!

Eis-vos ao pé do rei.

BRANCA *(ainda velada)*

De Francisco primeiro?

(Corre e lançar-se aos pés do rei. A voz de Branca o rei estremece e faz signal a todos para que saiam).

SCENA II

O rei e Branca

(O rei, ao ficar só com Branca, levanta-lhe o véo que a occulta).

O REI

Branca!

BRANCA

Gaucher Mahiet!

O REI *(soltando uma gargalhada)*

Á fé de cavalleiro!

Proposito ou acaso, acho isto encantador!

Viva Deus, minha bella! Ó Branca, met. amor,

A meus braços!

BRANCA *(recuando)*

O rei! o rei! Deixai-me, sire,

Quero d'aqui sahir; deixai que me retire...

Senhor, Gaucher Mahiet. . . — Não! não! vós sois o rei!

(Cae novamente de joelhos)

Apiedai-vos de mim, quem quer que sois, nem sei!

O REI

Apiedar-mê de ti, ó Branca, eu que te adoro!
O que disse Gaucher, eu, rei, o corroboro!
Amamo-nos os dois; sou como tu constante.
Por isso que sou rei, não sou menos amante.
Suppunhas-me, criança, estudante e burguez;
E sou rei, afinal. Se o acaso me fez
Nascer mais alto um pouco, isso não é motivo
Para se me fechar teu coração esquivo.
Não me fez a fortuna um aldeão, que importa?

BRANCA *(à parte)*

Como elle ri! meu Deus! antes eu fosse morta!

O REI *(rindo cada vez mais)*

As festas, o prazer, as danças, os torneios,
Entre o arvoredo, á noite, os dôces galanteios,
Cem prazeres que a noite em seu mysterio abriga,
Ahi tens o teu porvir que ao meu porvir se liga!
Oh! sim, sejamos dois amantes, dois esposos;
Vem depois a velhice, e a vida, emfim, sem gosos,
Tecido vil que o tempo espedaça e aniquila,
E onde, de quando em quando, a luz do amor scintilla.

Sem este resplendor não passa d'um farrapo.
Tenho pensado n'isto a vêr se ao tédio escapo,
E eis a grande sciencia, eis o que nos convem:
Honrar a Deus, gosar, amar e comer bem!

BRANCA (*aterrada e recuando*)

O minhas illusões! como elle é tão differente!

O REI

Pois quê! suppunhas que eu era um galan tremente,
Um acanhado, um tolo, um coração sem chammas,
Crendo que, para ser amado pelas damas,
E para os corações de todas vêr rendidos,
Basta apenas soltar suspiros doloridos?

BRANCA (*repellindo-o*)

Deixai-me! — Desgraçada!

O REI

Então! vê se te acalmas!
Sabes quem sou? A França e quinze milhões d'almas,
Riqueza, honras, prazer, poder sem freio ou lei,
Tudo isto me pertence, é meu, pois que sou rei!
Sou o soberano e tu a soberana minha,
E visto que sou rei, tu serás a rainha.

BRANCA

Rainha! e vossa esposa?

O REI (*rindo*)

Ó candidez ideal!

Minha esposa não é minha amante, afinal.

BRANCA

Vossa amante! que affronta! oh! não!

O REI

Orgulho feroz!

BRANCA

Eu pertença a meu pai, não vos pertença a vós

O REI

Teu pai, o meu truão, o bobo Triboulet!
Pertence-me, teu pai é meu, tenho-o á mercê
Da minha phantasia.

BRANCA (*chorando amargamente, a
cabeça entre as mãos*)

Ó Deus! meu pobre pai!

Mas tudo é vosso, pois?

(*Soluça; elle lança-se-lhe aos pés para a consolar*).

O REI (*ternamente*)

Branca! então! socegai!

Branca, não chores mais! vem a meus braços...

BRANCA (*resistindo*)

Não!

O REI (*ternamente*)

Ainda hoje não disseste: — « Amo-te! » — Dize! Então!...

BRANCA

Tudo acabou!

O REI

Vês tu? sem querer offendi-te.

Oh! não soluces mais: não quero que se agite
Esse teu peito assim. Quizera antes morrer
Que fazer-te chorar. Antes o meu poder,
O meu reino eu perdesse, a força, o heroismo,
Fosse um rei sem valor e sem cavalheirismo!
Um rei que faz chorar uma mulher! Oh! não!
Era covarde!

BRANCA

É tudo isto um gracejo então?

Visto que sois o rei e vêdes como eu choro,
Mandai-me restituir a meu pai, sim? Eu moro
No béco de Bussy. Mas vós, sabeil-o bem.
Nada comprehendo já! Mas quem sois vós? mas quem?
Trouxeram-me arrastada, entre um vozear medonho!
Tudo isto me parece um negro, horrivel sonho!

(Chorando)

E nem sei já, nem sei, n'este fatal enredo

Se ainda vos tenho amor!

(Recuando com um movimento de horror)

Não! Rei! — Tenho-vos medo!

braços)

O REI (procurando prendel-a nos

Tens medo, má!

BRANCA (repellindo-o)

Deixai-me!

O REI (apertando-a muito)

O meu crime castiga

Aos beijos.

BRANCA (debatendo-se)

Oh! não! não!

O REI (rindo, á parte)

Que estranha rapariga!

BRANCA (escapando-se-lhe dos braços)

Deixai-me! — Ah! esta porta.

(Vê a porta do quarto do rei, entra e fecha-a violentamente sobre si).

O REI (*tirando do cinto uma chave de ouro*)

Oh! tenho aqui a chave.

(*Abre a porta, impelle-a vivamente, entra e fecha-a sobre si*).

MAROT (*que ha alguns instantes observa á porta do fundo, rindo*)

Oh! no quarto do rei! Foi por si mesma a ave
Metter-se na gaiola!

(*Chamando o sr. de Gordes*)

Ó, conde!

SCENA III

Marot, depois os gentishomens, em seguida Triboulet

GORDES (*a Marot*)

Então, Marot?

MAROT

O leão para o antro a ovelha já arrastou.

PARDAILLAN (*saltando de alegria*)

Oh! pobre Triboulet!

PIENNE (*que ficara á porta, olhando para fóra*)

Schüt! elle ahi vem!

GORDES (*baixo aos outros*)

Cuidado!

Tratemos de fingir um ar despreoccupado.

MAROT

De todos, só a mim pôde reconhecer :
Só commigo fallou.

PIENNE (*aos gentishomens*)

Finjamos não saber

Coisa alguma.

(Entra Triboulet. Nada parece mudado n'elle. Vem com o traje e os modos indifferentes de bobo. Unicamente vem muito pallido).

PIENNE (*aparentando proseguir n'uma conversação começada e piscando os olhos aos gentishomens mais moços, que comprimem o riso*).

Tal qual, senhores, foi então

— Bons dias, Triboulet — que appareceu a canção :

(Canta)

Bourbon, ao vêr Marselha

Exclamou : — Quem será

O grande capitão

Que encontraremos lá?

TRIBOULET (*continuando a canção*)

No monte de Coulombe

Difficil é passar.

Subiram todos juntos

Nos dedos a soprar.

(*Risos e applausos ironicos.*)

TODOS

Bravo!

TRIBOULET (*que desceu lentamente até ao proscenio, á parte*),

Onde estará ella?

(*Continúa a cantarolar*)

Subiram todos juntos

Nos dedos a soprar.

GORGES (*applaudindo*)

Ah! muito bem! olá!

TRIBOULET (*examinando todos aquellos rostos que riem em torno d'elle, á parte*)

Da empreza todos são!

COSSÉ (*batendo no hombro de Triboulet, rindo muito*)

Que novidades ha,

Bobo?

TRIBOULET (*aos outros, indicando Cossé*)

Este conde tem umas perguntas tontas!

(*Imitando Cossé*)

Que novidades ha, bobo?

COSSÉ (*rindo sempre*)

Sim, que nos contas?

TRIBOULET (*olhando-o da cabeça aos pés*)

Que se vós pretendeis metter-vos a faceto,

Ides então ficar estupidó completo!

(Durante toda a primeira parte da scena, Triboulet trata de procurar, de examinar, de investigar. As mais das vezes só o olhar indica esta preocupação. De quando em quando, vendo que não olham para elle, desloca um movel, faz girar o botão d'uma porta, a vér se está fechada. De resto, conversa com todos, como habitualmente, com modos zombeteiros, indifferentes e desprezidos. Os gentishomens, por seu lado, troçam entre si e trocam signaes, emquanto fallam de varios assumptos. Aparte).

Onde é que ella estará? — Se acaso lhes pergunto,

Rirão todos de mim!

(*Aproximando-se de Marot, com modo risonho*)

Olá! estimo muito

Que esta noite, Marot, não te hajas constipado.

MAROT (*fingindo-se surprehendido*)

Esta noite?

TRIBOULET (*piscando um olho, com ar
intelligente*)

E é que foi um logro bem pregado!

MAROT

Que logro?

TRIBOULET (*agitando a cabeça*)

Sim!...

MAROT (*candidamente*)

Tão só o que me succedeu
Foi metter-me na cama assim que anoiteceu,
E era já nado o sol, quando me levantei.

TRIBOULET

De noite não sahiste? Então é que sonhei!
(*Vê um lenço sobre a mesa e lança-se sobre elle.*)

PARDAILLAN (*baixo a Pienne*)

Olhai, duque; procura a marca do meu lenço.

à parte)
Não é!

PIENNE (a alguns jovens que riem
ao fundo)
Schut!

TRIBOULET (à parte)
Onde está? Não sei, por mais que penso!

PIENNE (a Gordes)
Porque estais a rir tanto?

GORDES (indicando Marot)
É elle, o maganão
Que nos obriga a rir.

TRIBOULET (à parte)
Que alegres hoje estão!

GORDES (a Marot, rindo)
Com teu faceto olhar de perseguir-me cessa,
Ou pego em Triboulet e atiro-t'o á cabeça!

TRIBOULET (a Pienne)
Está deitado ainda o rei?

PIENNE

Naturalmente.

TRIBOULET

Deixai vêr se lá dentro algum ruído se sente.

(Quer aproximar-se da porta. Pardaillan detem-o).

PARDAILLAN

Não! pódes acordar o rei.

GORDES (a Pardaillan)

Ó Pardaillan,

Affirma-nos aqui Marot, que esta manhã,
Voltando, não sei d'onde, os tres Guy, todos tres
Encontraram — posso eu lá crêr tal entremez! —
As esposas, as tres, com outros. . .

MAROT

Escondidas.

TRIBOULET

Que tempo! honra e vergonha, ó Deus, estão perdidas!

COSSÉ

Mulheres são infieis todas!

TRIBOULET (*a Cossé*)

Cuidado!

COSSÉ

Em quê?

TRIBOULET

Tomai muito cuidado!

COSSÉ

Em quê?

TRIBOULET

É que se vê
Sobre a vossa cabeça uma coisa fluctuante.

COSSÉ

O que é?

TRIBOULET (*rindo-lhe na cara*)

Uma aventura em tudo semelhante.

COSSÉ (*ameaçando-o, encolerizado*)

Hum!

TRIBOULET (*aos outros, indicando Cossé*)

Vêde este animal; é muito curioso!
Eis o grito que solta em estando furioso:

(*Arremedando Cossé*)

Hum!

(*Todos riem. Entra um gentilhomem com farda de serviço á rainha*).

PIENNE

O que é?

GENTILHOMEM

A rainha, immediatamente,
Deseja vêr o rei para um negocio urgente.

(*Pienne faz-lhe signal de que é impossivel; o gentilhomem insiste*)

Madame de Brezé não está com elle agora.

PIENNE (*impaciente*)

Está dormindo o rei.

O GENTILHOMEM

Como, duque! ha uma hora

Estava aqui.

PIENNE (*cujo mau humor redobra, fazendo ao gentilhomem signaes que este não comprehende e que Triboulet observa com profunda attenção*)

O rei anda a caçar.

O GENTILHOMEM

Sem pagens

Nem picadores, vejo ; as suas equipagens
Estão além.

PIENNE (*áparte*)

Demonio !

(*Fallando muito junto do gentilhomem, encolerisado*)

O rei não pôde, ouvi,
N'este momento vêr ninguem !

TRIBOULET (*com voz retumbante*)

Ella está aqui !

Está junto do rei !

(*Espanto de todos os gentishomens*).

PIENNE

Delira, vou jural-o !

TRIBOULET

Ah ! todos vós sabeis, senhores, de quem fallo !

O assumpto, emfim, não é para rir n'esse tom.
 Essa mulher que vós, Montmorency, Brion,
 Cossé, Piemme, Satan!... a mulher que roubastes
 Hontem de minha casa e á força arrebatastes,
 — Senhor de Pardaillan, eu tambem vos lá vi! —
 Quero que m'a entregueis, é minha! — Ella está aqui!

PIENNE (*rindo*)

Ah! Triboulet perdeu a amante! — Iça a matilha,
 Busca o perdido, busca!

TRIBOULET (*terrivel*)

Eu quero minha filha!

TODOS

Sua filha!

(*Movimento de surpresa*).

TRIBOULET (*cruzando os braços*)

Sim, sim, sim, minha filha! — Ride!

É natural que a nova ao riso vos convide.

Eu, Triboulet, ser pai! — Terem filhos os bobos!

— Não têm tambem familia os fidalgos e os lobos?

Tambem eu posso ter a minha. — Basta, vá!

(*Com voz terrivel*)

Se é gracejo, convém que elle termine já!

Minha filha, entregai-m'a; ouvis? — Tudo murmura,
Falla baixo, graceja e ri d'esta aventura.
Não me intimida esse ar pedante, nem me humilha!
Senhores, ouvi bem! eu quero minha filha!

(Arremeça-se em direcção à porta do quarto do rei)

Está alli!

(Todos os cortezãos se collocam diante da porta, impedindo-lhe a passagem).

MAROT

É meçonha a furia que o agita!

“TRIBOULET *(recuando com desespero)*

Cortezãos! cortezãos! Nobres! raça maldita!
Roubaram minha filha estes bandidos! Sim!
Para elles nada vale uma mulher, por fim!
Se, por felicidade, um rei é libertino,
A esposa do fidalgo ambicioso e de tino
Póde servir-o bem. Virgindade e pudor
São um luxo escusado e coisas sem valor.
A mulher é um campo, uma herdade silvestre
De que o regio aluguer se paga por semestre.
São favores sem fim, tudo apanha o seu osso:
Um titulo, um governo, um colar ao pescoço,
Qualquer coisa lançada a essa turba faminta.

(Olhando-os a todos de frente)

Acaso ha de entre vós alguém que me desminta?

Não ha, não!

(Vai de um a outro)

Todos vós irieis, com effeito,
Vender-lhe, se ha já muito o não tivesseis feito,
Por um titulo, um nome, o mais infimo bem,

(Ao snr. de Brion)

Tu, a esposa!

(Ao snr. de Gordes)

A irmã, tu!

(Ao pagem Pardaillan)

E tu, a propria mãe!

UM PAGEM *(enche uma taça de vinho
no bufete e põe-se a beber, cantarolando)*

Bourbon, ao vêr Marselha

Exclamou: Quem será

O grande capitão...

TRIBOULET *(voltando-se)*

Visconde d'Aubusson, não sei o que me instiga
A nos dentes quebrar-te o calice e a cantiga!

(A todos)

Quem julgaria tal! como é que se comprehende?
Um Vermandois, que em linha a Carlos Magno ascende;

*

Um Brion cujo avô foi duque de Milão;
 Um Gordes Simiane, um Pienne; e vós então,
 Vós, um Montmorency; tão nobre gentilhomen!
 Irdes assim roubar a filha a um pobre homem!
 Oh! não! d'essa nobreza os altivos brazões
 Não podem occultar tão baixos corações.
 Nobres! não! vossas mãis, por certo, acreditai-o,
 Foram prostituir-se em braços de laçao:
 Bastardos todos sois!

GORDES

(
 Insolente!

TRIBOULET

*Dizei,

Por essa vil acção quanto vos deu o rei?
 Pagou-vos bem, sim?

(Arrancando os cabellos)

E eu que só a tenho a ella!

— Se eu quizesse, talvez... — decerto... — é nova e bella!
 Pagar-m'a-hia tambem.

(Olhando-os a todos)

Porventura o rei vê

Das graças no seu cõfre alguma que me dê?
 Póde elle acaso dar-me um nome ao vesso igual?
 Póde fazer-me bello, elegante, afinal?

—Roubou-me tudo! inferno! — Oh! como o vosso ardil
 Foi horrivel, atroz, covarde, infame e vil!
 Não vos peja descer a tão torpes misteres!
 Assassinos, ladrões, bandidos de mulheres!
 Vá, senhores, eu quero a minha filha, ouvi!
 Restituí-m'a já, senhores, quero-a aqui!
 Ah! cuidado commigo! Olhai bem esta mão:
 É d'um homem do povo, um rustico, um villão.
 Julgam-n'a desarmada os poltrões zombadores!
 Cuidado! que esta mão tem unhas, meus senhores!
 Acabemos com isto! entreguem-m'a, por fim!
 Abram-me aquella porta!

(Arremeça-se novamente, furioso, contra a porta que os gentishomens defendem. Lucta contra elles por alguns instantes e vem afinal cabir á frente do palco, fatigado, offegante, de joelhos).

Ah! todos' contra mim!

Todos! Dez contra um!

(Suffocado em lagrimas, soluçante)

Sim, choro! aqui me têm!

(A Marot)

Marot, escuta! já te divertiste bem!

Se essa libré tua alma ainda não perverteu,

Se ainda bate ahi dentro um coração plebeu,

Dize-me: — onde está ella? onde a esconderam? falla!

Está alli, sim? Commigo, em tão torpe cabala

Faze causa commum, pois que somos irmãos!
 Só tu possues talento entre esses cortezãos.
 Marot, meu bom Marot! — Tu calas-te!

(Arrastando-se de joelhos para os gentishomens)

Oh! piedade!

Senhores, tende dó da minha enfermidade!
 •Perdoai-me! de rojo a vossos pés imploro!
 Bem vedes, em lugar de divertir-vos, choro!
 Quantas vezes calcar meu soffrimento deixo!
 Sinto vergar meu corpo á dôr, e não me queixo!
 É natural que tenha um dia ou outro assim
 Quem se acha contrafeito em corpo tão ruim!
 Piedade! O vosso bobo eu sou ha tanto tempo!
 Não destruais assim o vosso passatempo!
 O pobre Triboulet que tanto vos diverte!
 Mas não sei o que em vós a compaixão desperte!
 Está alli minha filha, entregai-m'a! Eu bem sei
 Que está alli dentro, alli, na camara do rei,
 O meu unico bem! E um pai que vos implora!
 Restitui-m'a! Ó Deus! que hei de eu fazer agora
 Sem minha filha! Olhai! de pranto o rosto inundo!
 Se ella é tudo quanto eu possuo n'este mundo!

(Todos ficam silenciosos; elle ergue-se desesperado)

Ah! mas vós não sabeis senão rir ou calar-vos!
 Só silencio' merece, ou vossos risos parvos,
 A dôr de um pobre pai que os cabellos arranca
 Da cabeça, que um dia assim tornará branca!

(*A porta do quarto do rei abre-se bruscamente e Branca sae espavorida, desvairada, em desalinho, vindo cabir nos braços de seu pai, com um grito terrível.*)

BRANCA

Meu pai! Ah!

TRIBOULET (*apertando-a nos braços*)

Minha filha! Ah! vêdes bem, senhores,

(*Suffocado em pranto e rindo ao mesmo tempo*)

Minha filha, eil-a aqui! meus unicos amores,
Toda a minha familia! Ah! vêde, imaginai
Que dôr se ella faltasse a este pobre pai!
Não me podeis querer mal por vêrdes o meu pranto.
Minha filha, tão meiga e dôce, o meu encanto,
Cuja presença só tornára o mau melhor,
Ah! não se perde assim, sem blasphemar de dôr!

(*A Branca*)

Nada receies; foi simplesmente um gracejo
Para rirem de mim: — Tiveste mêdo, vejo!
Elles, porém, são bons; viram como eu te queria
E não repetirão tão dura tyrannia.

(*Aos fidalgos*)

Não é assim?

(*A Branca, apertando-a nos braços*)

Branca, ao vêr-te outra vez — que loucura! —

Eu sinto um prazer tal! nem sei se é uma ventura

Perder-te, meu amor, para rehaver-te após!

(Olhando-a com inquietação)

Mas porque choras tu?

BRANCA *(cobrindo, com as mãos o rosto inundado de lagrimas e de rubor)*

Desgraçados de nós!

Que vergonha, meu Deus!

TRIBOULET *(estremecendo)*

Que dizes tu?

BRANCA *(escondendo o rosto no peito do pai)*

Perdão!

Só diante de vós! diante d'elles, não!

TRIBOULET *(voltando-se tremulo de raiva para a porta do rei)*

Oh! tambem ella! — Infame!

BRANCA *(soluçando e cabindo-lhe aos pés)*

Oh! pai, silencio agora!.

Quando estivermos sós, sim?

TRIBOULET (*dando tres passos e envolvendo n'um gesto todos os fidalgos, interditos*)

Ide-vos embora!

E se o rei, por desgraça, aqui a entrar se atreve. . .

(*Ao sr. de Vermandois*)

Vós sois da sua guarda; ide dizer-lhe, breve,
Que não se arrisque a entrar, porque estou eu aqui!

PIENNE

Um doido d'esta força é que eu ainda não vi!

GORDES (*fazendo-lhe signal para que se retire*)

Deixemol-o, é melhor. Saíamos d'esta sala. •

Vigiemos, porém, de longe.

(*Saem*).

TRIBOULET (*sentando-se na poltrona do rei e erguendo a filha; com voz sinistra e tranquilla*)

Agora, falla.

(*Volta-se, e vendo o sr. de Cossé que ficou, ergue-se um pouco, indicando-lhe a porta*).

Não me ouvistes, senhor?

COSSÉ (*retirando-se, subjugado pelo ascendente do bobo*)

Estes bobos, realmente,
Permittem-se tambem ter honra como a gente!

(*Saem*).

SCENA IV

Branca e Triboulet

TRIBOULET (*grave*)

Dize agora.

BRANCA (*com os olhos baixos, a voz cortada pelos soluços*)

É mister, pai, que os factos exponha...
Hontem, introduziu-se em casa...

(*Chorando e pondo as mãos nos olhos*)

Oh! que vergonha!

(*Triboulet aperta-a nos braços e enxuga-lhe os olhos com ternura*)

Ha muito tempo... eu já devera ter-vos dito,
Que me seguia...

(*Interrompendo-se de novo*)

Ah! mas ainda uma coisa omitto:

Não me fallava nunca; apenas me seguia,
Aos domingos á igreja, unica parte aonde ia.

TRIBOULET

Um rei!

BRANCA (*continuando*)

Para que o visse, entrava de maneira
Que ao passar junto a mim, dava-me na cadeira.

(*Com voz cada vez mais fraca*).

Não sei como, hontem, nõde em nossa casa entrar...

TRIBOULET

Quero ao menos poupar-te a angustia de o contar!
Eu adivinho o resto.

(*Ergue-se*)

Infame! assim d'esta arte,
De vergonha e desprezo a fronte foi manchar-te!
Seu halito impestou-te o immaculado ambiente;
Arrancou-te da fronte a corõa, brutalmente,
Ó Branca, ó meu asylo, ó meu formoso dia,
Que vinhas arrancar-me ás noites d'esta orgia!
Alma por quem minh'alma á piedade ascende!
Vêo de pudor que sobre o meu labéo se estende!
Abrijo do maldito a quem tudo abomina!
Anjo que me enviou a compaixão divina!

Ai! perdido, afundado em lodaçal immundo
Quanto de santo e puro eu cria n'este mundo!
Que hei de fazer agora á minha triste vida!
Eu, n'esta infame cõrte ao mal prostituida,
Em torno a mim, em mim, d'esta engrenagem presa,
Via só impudor, adulterio, torpeza,
E só podia, a arfar de tédio e de anciedade,
Meus olhos repousar na tua virgindade.
Aceitava, curvado e com resignação,
Os prantos, a miseria, a profunda abjecção,
O orgulho a trucidar-me o coração partido,
O rir desprezador sobre o meu mal cuspidio,
Toda essa desventura atroz que a infamia sella,
Eu queria para mim, más não, meu Deus, para ella!
Quanto eu descia mais, mais a queria exalçar!
Ao pé do cada falso ergue-se sempre o altar!
Eis o altar derrubado! — Esconde o rosto! — Chora,
Minha adorada filha! — Obriguei-te ainda agora
A fallar muito, sim? Chora bastante, a magoa
Na tua idade, filha, afoga-se com a agua
Das lagrimas. Sim, chora, aqui, sobre o meu peito.

(Meditando)

Sahiremos de Paris, mas quando eu tiver feito
O que resta fazer — se eu acaso escapar! —

(Meditando sempre)

Pois quê! n'um dia só vêr tudo assim mudar!

(Erguendo-se, furioso)

Ó maldição de Deus! quem me dissera a mim
 Que esta cõrte devassa, impudica, ruim,
 Que furiosa atropella, arrasta, compra, vende,
 Esposas, filhas, mãis, tudo o que Deus defende;
 Que esquece um crime, só quando um maior aclama,
 Fazendo espadanar ao longe o sangue e a lama,
 — Na sombra onde ella estava, occulta, recatada,
 Iria salpicar-lhe a fronte immaculada!

(Voltando-se para o quarto do rei)

Rei Francisco Primeiro, a Deus, que me ouve, imploro
 Que essa vida, amanhã, vá, qual fugaz meteoro,
 Submergir-se na campa onde a existencia finda!

BRANCA *(á parte, erguendo ao céu os olhos)*

Não o escuteis, Senhor, que eu amo-o, amo-o ainda!

(Ruido de passos ao fundo. Na galeria exterior apparece um cortejo de soldados e gentishomens. Á frente d'elle o sr. de Piemme).

PIENNE *(chamando)*

Senhor de Montchenu, mandai abrir; vai ser
 Conduzido á Bastilha o senhor Saint-Vallier.

(O grupo dos soldados desfila ao fundo. No momento em que o sr. de Saint-Vallier passa em frente da porta, para e volta-se para o quarto do rei).

SAINT-VALLIER (*com voz forte*)

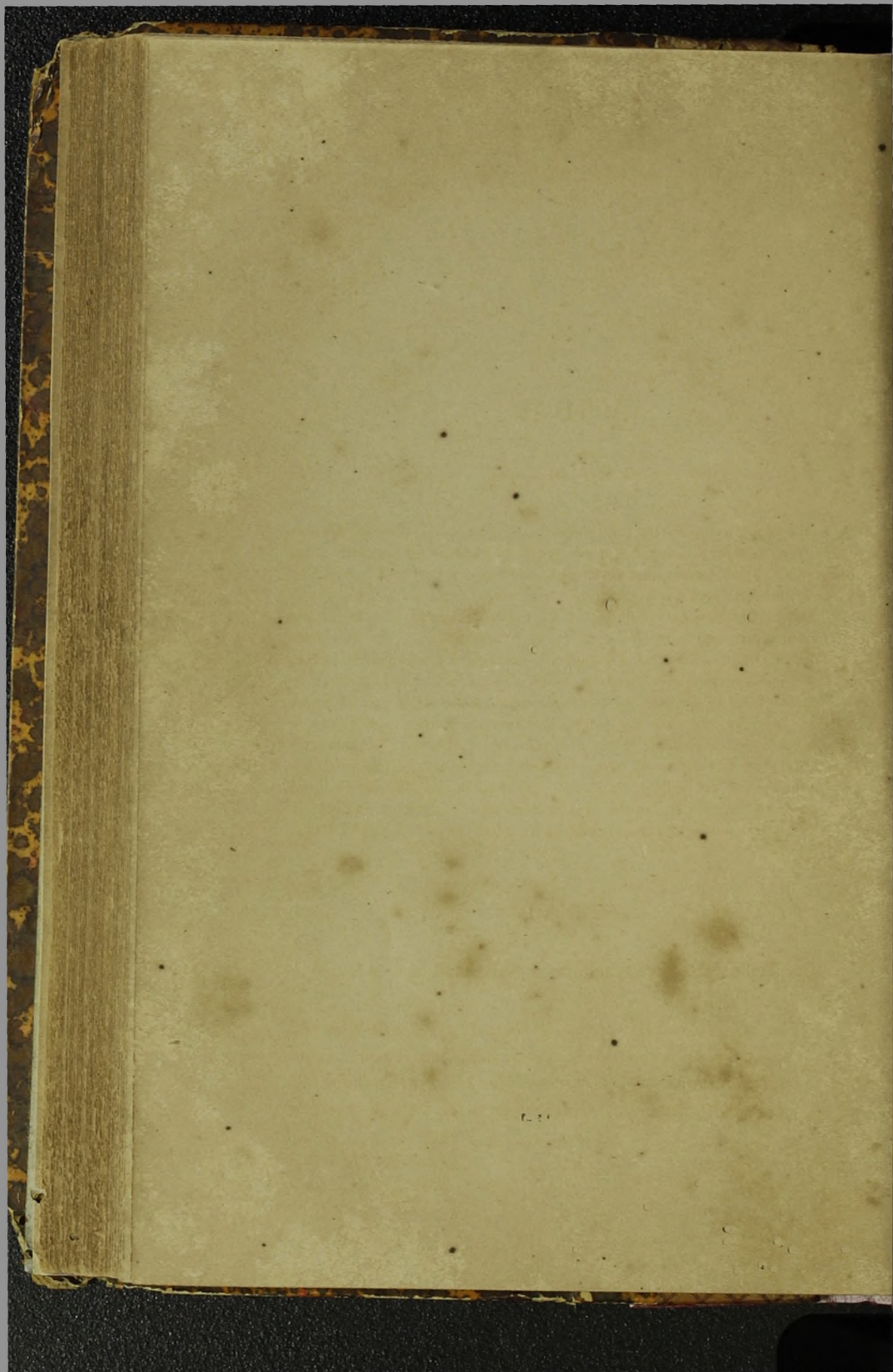
Visto que contra o rei e sua infamia atroz,
A minha maldição, um ecco, uma só voz,
Na terra não achou nem lá no céu profundo;
Nem um raio de Deus, nem um braço no mundo...
Prosperem pois o rei! Eu nada espero já!

TRIBOULET (*erguendo a cabeça e olhando-o de frente*)

Não! enganais-vos, conde! — Alguem vos vingará!

ACTO IV

BRANÇA



ACTO IV

BRANCA

A praia junto a Tournelle (antiga porta de Paris). Á direita, um casebre, miseravelmente mobilado, com escabellos de carvalho; um andar superior em forma de aguas-furtadas, e por cuja janella se vê um catre ordinario. A frente do casebre voltada para o espectador, é tão aberta que se lhe vê todo o interior. Ha lá dentro uma mesa, um borrarho, e ao fundo uma escada velha que conduz ás aguas-furtadas. A face do casebre, á esquerda do actor, tem uma porta que abre para dentro. A parede é toda esburacada e cheia de fendas, e é facil ver através d'ellas o que se passa no interior da casa. A porta, que tem um postigo gradeado, é coberta exteriormente por um alpendre, e encimada por uma tableta de estalagem. O resto da scena representa a praia. Á esquerda ha um velho parapeito em ruinas, ao fundo do qual corre o Sena. No parapeito assenta o suporte da sineta da barca da passagem. Ao fundo, para além do rio, a velha Paris.

SCENA I

Triboulet e Branca, fóra, e Saltabasil, na casa

(Durante toda esta scena, Triboulet apresenta o ar inquieto e preocupado de um homem que recia ser interrompido, visto, surprehendido. Olha amiudadas vezes em torno de si, principalmente do lado do casebre.

Saltadil, dentro, sentado junto da mesa, está occupado a polir a chapa do cinturão, sem ouvir nada do que se passa ao lado).

TRIBOULET

Amal-o ainda?

BRANCA

Sempre.

TRIBOULET

Eu deixei-te, afinal,
O tempo de apagar essa paixão fatal!

BRANCA

Amo-o!

TRIBOULET

Fraca mulher! Mas que razão te leva
A amal-o assim?

BRANCA

Não sei.

TRIBOULET

Oh! loucas filhas de Eva!
É um absurdo!

BRANCA

Oh! não! por isso justamente

O amo! Muita vez succede achar a gente
Um homem que nos salva a vida, um terno esposo
Que a riqueza nos traz, a felicidade, o goso,
O amor, sem que por troca o nosso amor lhe dê.
Elle só me fez mal, e amo-o, não sei porquê!
Amo-o tanto, meu pai, amo-o com tal ternura,
Que, se fôra mister, — Oh! vêde que loucura! —
Elle tão cruel, vós tão bom, e todavia,
Qual morçera por vós, por elle morreria!

TRIBOULET

Perdôo-te, criança!

BRANCA

E elle ama-me tambem.

TRIBOULET

Não, louca!

BRANCA

Disse-m'ô elle, e prometteu-m'ô. Tem
Na voz tanta meiguice, um ar tão vencedor,
Que prende os corações, fallando-nos de amor.

E o seu límpido olhar, tão meigo e apaixonado!
É um grande rei, nobre, illustre...

TRIBOULET (*explosindo*)

Um scelerado!

Oh! mas não se dirá, rei covarde e impudente,
Que roubar-me a ventura ousaste impunemente!

BRANCA

Vós tinheis perdoado...

TRIBOULET

Eu? perdoar ao devasso?
De tempo era mister para lhe armar o laço!
Por isso esperei...

BRANCA

Um mez! Julguei que as vossas penas
Fossem passadas já.

TRIBOULET

Dissimulava apenas.

(*Com furor*)

Branca, vingar-te-hei!

BRANCA (*juntando as mãos*)

Poupei-me, por piedade!

TRIBOULET

Mas d'esse louco amor nada te dissuade?
E se elle te enganasse?

BRANCA

Elle? oh! não! é impossivel.

TRIBOULET

E se o visses tu mesma, obstinada inflexivel?
Se elle já não te amasse, amaval-o ainda assim?

BRANCA

Não sei. Mas se jurou que só me quer a mim!
Ainda hontem lh'o ouvi!

TRIBOULET

Quando?

BRANCA

Ao anoitecer.

TRIBOULET

Pois bem; olha, criança, e vê se pôdes vêr.

(Indica a Branca uma das fendas da parede da casa. Ella olha).

BRANCA (*baixo*)

Vejo um homem sómente.

TRIBOULET (*baixando tambem a voz*)

Espera.

(O rei vestido de simples official apparece na sala inferior da estalagem. Entra por uma pequena porta que se suppõe communicar com algum compartimento interior).

BRANCA (*estremecendo*)

Elle! Senhor!

(Durante toda a scena que segue, Branca conserva-se a espreitar pela fenda da parede, perscutando quanto se passa no interior da sala, sem prestar attenção a nada mais, agitada de quando em quando por um tremor convulsivo).

SCENA II

Os mesmos, o rei, depois Maguelonne

(O rei bate no hombro de Saltabadil, que se volta, interrompido bruscamente na sua operação).

O REI

Traze-me sem demora...

SALTABADIL

O que?

O REI

Vinho e amor,

Um copo e tua irmã.

TRIBOULET (*fôra*)

Vê! elle, um rei! attenta

Que linguagem empregá e que lugar frequenta!

O vinho que melhor o embebeda e governa

É esse que lhe serve uma Hebe de taberna!

O REI (*na casa, cantando*)

Qual penna que o vento leva,

A mulher sempre varia.

Ai! bem tolo quem se fia

Nas loucas promessas de Eva!

(Saltabadil tem ido silenciosamente buscar, ao compartimento visinho, uma garrafa e um copo, que vem collocar sobre a mesa. Em seguida bate duas pancadas no tecto com o punho da sua comprida espada. A este signal, uma linda rapariga, vestida de bohemia, ligeira e risonha, desce a escada aos saltos. Assim que a vê entrar, o rei procura abraçal-a, mas ella esquiva-se.)

O REI (*a Saltabasil, que se assenta gravemente a limpar o cinturão*)

Limpavas bem melhor o cinturão, se agora
O fosses, meu rapaz, limpar lá para fóra.

SALTABADIL

Percebo.

(Levanta-se, saida desgeitosamente o rei, abre a porta da rua e sae, fechando-a sobre si. Depois de sahir avista Triboulet, para o qual se dirige com ares mysteriosos. Emquanto elles fallam, Maguelonne brinca com o rei, e Branca observa com terror. Baixo a Triboulet, designando com o dedo a casa).

O homem está nas nossas mãos, alli.

Quereis que o mate ou não?

TRIBOULET

Volta a fallar-me aqui.

(Faz-lhe signal de que se afaste. Saltabasil desapparece a passos lentos por detraz do velho parapeito. Durante este tempo o rei persegue a bohemia que o repelle, rindo).

MAGUELONNE (*a quem o rei procura*

beijar)

Nicles!

O REI

Bom! Ha um instante em paga de um abraço
Deste-me um bofetão. *Nicles* é mais um passo!
É um progresso já! Cada vez mais me foge!
Conversemos, vem cá.

(A bohemia aproxima-se)

Faz oito dias hoje

Que te vi, Maguelonne, e comecei a amar-te.
— Por signal, Triboulet foi quem me fez notar-te. —
Ha oito dias pois que te adoro, bem vês;
Amo-te só a ti!

MAGUELONNE *(rindo)*

E a vinte mais, talvez.
Acho-vos ares d'um libertino perfeito!

O REI *(rindo tambem)*

Sim, tenho seduzido a varias, com effeito;
Sou um monstro!

MAGUELONNE

Vaidoso!

O REI

Oh! posso-t'ó affirmar!
Escuta: esta manhã convidaste-me a entrar

N'esta ruim taberna onde se janta mal
E o vinho é um preparado atroz d'esse animal,
Teu irmão, ferrabraz, que tem o horrivel gosto
De mostrar o focinho ao lado do teu rosto.
Mas emfim, resolvi passar a noite cá.

MAGUELONNE (*áparte*)

Bom. Elle mesmo ajuda.

(*Ao rei que quer abraçal-a*)

Então!

O REI

Não sejas má!

MAGUELONNE

Então! tende juizo!

O REI

Amiga, quem o tem
Faz como eu faço: amar, gosar e comer bem!
Eu sigo n'este ponto o sabio Salomão.

MAGUELONNE

Tu vais mais á taberna, amigo, que ao sermão.

O REI (*estendendo-lhe os braços*)

Vem cá.

MAGUELONNE (*fugindo-lhe*)

Amanhã!

O REI

Quebro esta garrafa cheia,
Se tornas a dizer palavra assim tão feia!
Amanhã! nunca o diz uma mulher bonita!

MAGUELONNE (*amansando subitamente
e vindo sentar-se alegremente, á pressa, junto do rei*)

Façam-se as pazes, pois.

O REI (*pegando-lhe na mão*)

Bravo! que mão catita!
Vale mais receber — d'amor como primicias —
Bofetões d'essa mão, que d'outra mil caricias!

MAGUELONNE (*encantada*)

Zombais de mim!

O REI

Jámais!

MAGUELONNE

Mas se eu sou feia!

O REI

Oh! não!

Faze melhor justiça a tanta perfeição.
Eu sinto-me abraçar! Não sabes, feiticeira,
N'um peito militar como o amor se entrincheira!
E se uma bella a nós se entrega sem rebuços,
Nós somos uma braza, até mesmo entre os russos.

MAGUELONNE (*dando uma gargalhada*)

Lestes n'algum livro isso, aposto; isso é roubado.

O REI (*à parte*)

É possível!

(*Alto*)

Um beijo!

MAGUELONNE

Estais embriagado!

O REI (*sorrindo*)

D'amor!

MAGUELONNE

De mim zombais, meu bello capitão,
Com vosso alegre humor de leviano.

O REI

Oh! não!

(O rei beija-a).

MAGUELONNE

Basta!

O REI

Quero casar contigo.

MAGUELONNE *(rindo)*

Ah! sim? deveras?

O REI

Se tu és deliciosa e se em meu peito imperas!

*(Senta-a nos joelhos e começa a fallar-lhe baixo. Ella ri e requebra-se. Branca não pôde supportar mais, volta-se pallida e tremula para Triboulet immovel).*TRIBOULET *(depois de a ter olhado um instante em silencio)*

Dize: qual deve ser de tal infamia a paga?

BRANCA *(mal podendo fallar, muito baixo)*

Ingrato! que traição! A dôr meu peito esmaga!

Nunca me teve o mais ligeiro amor sequer!
Como elle me enganou! repete a essa mulher
Quanto me havia dito a mim, candida e casta!

(Occultando o rosto entre as mãos)

E a que mulher indigna elle o repete!

TRIBOULET *(sombrio e em voz baixa)*

Basta

De pranto! A soluçar o tempo embalde perdes.
Deixa-me vingar-te.

BRANCA *(extenuada)*

Ah! fazei o que quizerdes!

TRIBOULET *(com um rugido de alegria)*

Emfim!

BRANCA *(apavorada)*

Que ides fazer? Jesus! causais-me medo!

TRIBOULET *(impetuosamente)*

Não m'o arranques das mãos de novo! Oh! não t'o cedo!
Morrera suffocado! — Escuta. Corre a casa,
Veste-te de homem, toma o oiro que te aprasa,
Monta a cavallo, parte e busca só abrigo
Em Évreux, onde irei amanhã ter contigo.

— Sabes? aquelle cofre ao lado do retrato
De tua mãe? alli é que has de achar o fato.
O cavallo sellado espera á porta. Foge!
Sobretudo, ouve bem, não voltes aqui hoje!
Porque se vai passar uma scena terrivel!
Adeus!

BRANCA

Vinde tambem, meu pai.

TRIBOULET

É impossivel.

(Beija-a e faz-lhe signal de que parta).

BRANCA

Como eu tremo!

TRIBOULET

Até breve!

(Beija-a de novo. Branca retira-se cambaleando).

E cumpre o que ordenei!

(Durante toda esta scena e a seguinte, o rei e Maguelonne, sempre sós na sala inferior, continuam a rir e a fallar em voz baixa, rindo. Logo que Branca sae, Triboulet dirige-se ao parapeito do caes e faz um signal. Aparece Saltabasil. Anoitece).

SCENA III

Triboulet, Saltabadi, fóra.— Maguelonne e o rei, em casa

TRIBOULET (*contando escudos de oiro junto de Saltabadi*)

Pediste vinte; ahi tens já dez. Depois dar-te-hei
O resto.

(*Detendo-se no momento de lhos dar*)

Elle pernoita hoje aqui?

SALTABADIL (*que esteve a examinar o horizonte antes de responder*)

Vai chover.

TRIBOULET (*dparte*)

Nem sempre ao Louvre o rei costuma recolher.

SALTABADIL (*indicando os ares*)

Olhai; não tardará que a tempestade caia:
A chuva e minha irmã lhe impedirão que saia.

TRIBOULET

A meia noite aqui estarei.

SALTABADIL

Não vale a pena;
Posso deitar sósinho um cadaver ao Sena.

TRIBOULET

Não! quero deital-o eu por minhas mãos.

SALTABADIL

Fazei
O que quizerdes. Eu aqui vol-o trarei.

TRIBOULET (*dando-lhe o dinheiro*)

Á meia noite! — O resto então o receberás.

SALTABADIL

Bem. — Como é que afinal se chama esse rapaz?

TRIBOULET

Seu nome? Vou dizer-t'o, e o meu tambem t'o digo:
Elle chama-se o crime, eu chamo-me o castigo!

(*Sae*).

SCENA IV

Os mesmos menos Triboulet

(Saltabãdil, ficando só, examina o horisonte accumulado de nuvens. É quasi noite fechada. Relampeja de quando em quando).

SALTABADIL

A tempestade cresce e aproxima-se mais.
Tanto melhor! Será deserto em breve o caes.

(Reflectindo)

Que demonio! em verdade estranho bem os modos
Que me parecem ter estes sujeitos todos!
Que me enforquem, se entendo alguma coisa d'isto!

(Examina o céu, agitando a cabeça. Durante este tempo o rei graceja com Maguelonne).

O REI *(tentando segurar-a pela cintura)*

Maguelonne!

MAGUELONNE *(fugindo-lhe)*

Então!

O REI

Má! De amar-te não desisto.

MAGUELONNE (*cantando*)

Botão que brota em abril
Dá pouco vinho ao barril.

O REI

Teu collo exalta a mente, a menos enthusiastica.
Que braço encantador! que deliciosa plastica!
Mas porque encerrou Deus — eis no que eu barafusto! —
O coração d'um turco em tão formoso busto!

MAGUELONNE

Farçante!

(*Repellindo ainda o rei*)

Schut! ahi vem meu irmão.

(*Entra Saltabadil que fecha a porta sobre si.*)

O REI

O que tem?

(*Ouve-se um trovão longinquo.*)

MAGUELONNE

Troveja!

SALTABADIL

E vai chover; grande aguaceiro ahi vem.

o REI (*batendo no hombro de Saltabasil*)

Pois que venha! — Afinal, resolvo hoje trocar
Meu leito pelo teu.

MAGUELONNE (*ironicamente*)

Apraz-lhe cá ficar!

Com que ar de soberano o diz! — Vêde, porém
Vossa familia ignora. . .

(*Saltabasil puxa-a pelo braço e faz-lhe signaes*).

O REI

Eu não tenho ninguem

Que me espere.

SALTABADIL (*á parte*)

Melhor.

(*A chuva começa a cabir pesadamente. É noite fechada*).

o REI (*a Saltabasil*)

Olha, vai tu deitar-te
No sotão, no curral, no inferno, em qualquer parte.

SALTABADIL (*com uma venia*)

Muito obrigado!

MAGUELONNE (*muito baixo e vivamente, ao rei*)

Sae!

O REI (*dando uma gargalhada*)

Sahir! que idéa a tua!
Com semelhante noite, assim me pões na rua!
(*Vai á janella olhar para fóra*).

SALTABADIL (*baixo a Maguelonne, mostrando-lhe o dinheiro que tem na mão*).

Deixa-o cá ficar! — Dez escudos e depois
Mais dez á meia noite.

(*Graciosamente ao rei*)

Oh! muito amavel sois,
Aceitando o meu quarto esta noite.

O REI (*rindo*)

No verão,
Um forno; ah! mas de inverno, uma geleira, não?
Aceito o teu favor.

SALTABADIL

Quereis ir vél-o já?

O REI

Vamos.

(Saltabadil pega na lampada. O rei vai dizer duas palavras, rindo, ao ouvido de Maguelonne; em seguida os dois homens sobem a escada que conduz ao andar superior. Saltabadil precede o rei).

MAGUELONNE *(ficando só)*

Pobre rapaz!

(Indo á janella)

Que noite escura e má!

(Pela larga janella do pavimento superior vê-se alli Saltabadil e o rei).

SALTABADIL *(ao rei)*

Aqui está o leito, a mesa e uma cadeira em frente.

O REI

Ao todo, quantos pés?

(Olha alternativamente para cada um dos objectos mencionados)

Tres, seis, nove — excellente!

Bateu-se em Marignan esta mobilia tua;

Ficou estropiada!

(Aproxima-se da janella cujos vidros estão quebrados)

E é como estar na rua!

Nem vidros nem portaes! Santa hospitalidade!

Sem cerimonia o vento entra aqui á vontade!

(A Saltabasil, que vem accender uma lamparina sobre a mesa)

Boa noite.

SALTABASIL

O Senhor vos guarde.

(Sae, empurra a porta, e ouve-se descer lentamente as escadas).

O REI *(só, despertando o cinturão)*

Estou cansado!

À espera de melhor vou dormir um bocado.

(Colloca sobre a cadeira o chapéu e a espada, desaperla as botas e estende-se na cama).

Como esta Maguelonne é fresca, alegre, esperta!

(Erguendo-se um pouco)

Vejamos se o irmão deixou a porta aberta.

— Deixou; bem.

(Torna a deitar-se e d'ahi a um instante vé-se que adormeceu profundamente sobre o catre. Maguelonne e Saltabasil estão ambos na sala inferior. A tempestade desencadeia-se, com muita chuva e relampagos; a cada instante estala um trovão. Maguelonne costura junto da mesa, sentada. Saltabasil acaba de esgotar, com um ar de reflexão, a garrafa que o rei deixou. Ambos se

conservam silenciosos, por alguns instantes, como preoccupados por uma idéa grave).

MAGUELONNE (*suspirando*)

Que rapaz tão galante!

SALTABADIL

Um thesouro,
Que para as nossas mãos traz vinte escudos d'ouro!

MAGUELONNE

Quantos?

SALTABADIL

Vinte.

MAGUELONNE

Acho pouco!

SALTABADIL

É melhor do que nada.

Sobe, a vêr se elle dorme. Elle trazia espada. . .

Tira-lh'a.

(Maguelonne obedece. A tempestade attingiu o maior auge. Vê-se apparecer ao fundo, Branca, vestida de homem, trajo preto de montar, botas e esporas. Aproxima-se lentamente da casa, enquanto Saltabadil bebe, e Ma-

*Maguelonne, no pavimento superior, contempla, á luz da
lâmparina, o rei adormecido).*

MAGUELONNE (*com as lagrimas nos
olhos*)

Pobre moço!

(*Pega na espada*)

Adormeceu. — Que pena!

(*Desce de novo e entrega a espada ao irmão*).

SCENA V

O rei, no pavimento superior, **Saltabadi**, **Maguelonne**.
na sala inferior, e **Branca**, fóra

BRANCA (*caminhando lentamente na
sombra, á luz dos relâmpagos*)

Ah! eu perco a razão! — Uma terrível scena!

Disse meu pai. O rei deve alli estar. Oh! tremo!

Sinto que vou tocar n'um instante supremo!

Meu pai já aqui não está; e eu volto. Perdoai,

Se desobedeci ás vossas ordens, pai.

Não pude resistir a esta anciedade infinda!

(*Aproxima-se da casa*)

O que irá succeder? — Ai! eu, que ha pouco ainda,

Ignorando o futuro, o mundo, os seus horrores,

Pobre mulher, vivia occulta em meio de flôres,

Vejo-me de repente á beira d'este abysmo!
 Honra, virtude, paz, n'um fatal cataclismo
 Desabou tudo! É isto o amor! Paixão funesta!
 D'aquelle enorme incendio a cinza apenas resta!
 Já não me tem amor!

(Chora amargamente. Erguendo a cabeça).

Pareceu-me ter ouvido,
 Ha pouco, d'um trovão o lugubre estampido...
 Que horrivel noite! Eu que temia a propria sombra,
 Não temo a tempestade, o raio não me assombra!
 Nada ha que o desespere, ó Deus, de nós não faça!

(Vendo a luz no interior da casa)

Alli velam. Podesse eu vêr o que se passa.

(Avança e recua em seguida)

Negro presentimento o coração me opprime,
 Meu Deus! se acaso alli vai commetter-se um crime!

(Maguelonne e Saltabadil recomeçam a conversação na sala baixa).

SALTABADIL

Que noite!

MAGUELONNE

Agua e trovões!

SALTABADIL

É que no céu agora
Ha questão em familia: um ralha e o outro chora.

BRANCA

Oh! se meu pai soubesse onde estou!

MAGUELONNE *(a Saltabasil)*

Ouve cá.

BRANCA *(estremecendo)*

Pareceu-me ouvir fallar.

(Dirige-se, tremendo, para a casa e applica á fenda os olhos e os ouvidos).

MAGUELONNE

Meu irmão!

SALTABADIL

Hein? que é lá?

MAGUELONNE

Não sabes no que eu penso?

SALTABADIL

Eu não!

MAGUELONNE

Vê se descobres.

SALTABADIL

No diabo.

MAGUELONNE

Esse rapaz tem umas feições nobres,
É bello como Apollo, altivo, bom, robusto,
Tem-me bastante amor, e dorme como um justo.
Não o matemos, não?

BRANCA (*que ouve e vê tudo, aterrorizada*)

Oh! meu Deus!

SALTABADIL (*tirando d'uma arca um sacco velho, e dando-o a Maguelonne, com ar impassivel*)

. Cose-me isto.

MAGUELONNE

O sacco? para quê?

SALTABADIL

Para o metter, está visto.
N'um ápice de um golpe o teu Apollo avio,
Metto-o dentro do sacco e atiro tudo ao rio.

MAGUELONNE

Mas...

SALTABADIL

Maguelonne, então! escrupulos perdidos!
Não matava ninguém, se fosse a dar-te ouvidos.
Anda, remenda o sacco.

BRANCA

Oh! mas que gente é esta?
Vejo o inferno através d'aquella horrenda fresta!

MAGUELONNE (*pondo-se a coser o sacco*)

Seja. — Mas dize.

SALTABADIL

O que é?

MAGUELONNE

Tu não podes odiar
Esse pobre rapaz.

SALTABADIL

Eu não. É militar!
Gosto até d'elle: cinge uma espada; é dos meus.

MAGUELONNE

E matas um rapaz, formoso como um deus,
Por um corcunda vil, do feitio d'um S!

SALTABADIL

Justo. Um corcunda vinte escudos me offerece,
Deu-me adiantados dez, e dá mais dez depois,
Para matar um moço esbelto; mato-o pois,
É claro!

MAGUELONNE,

No teu caso eu antes mataria
O corcunda, ao trazer-te o resto da quantia;
E vinha a dar na mesma.

BRANCA

Oh! meu pai!

MAGUELONNE

Decidido?

SALTABADIL (*olhando de frente para*

Maguelonne)

Hein? Tu supões que sou acaso algum bandido?
Algum ladrão? Matar a quem pagar-me venha!

MAGUELONNE (*indicando-lhe um feixe de lenha*)

Pois bem; mette no sacco este feixe de lenha.
Confundirá na sombra. Eu vou lá mesmo pôr-t'o.

SALTABADIL

Pois queres que elle tome um feixe por um morto?
Uma coisa hirta, sêcca, inteiriçada, esguia...
Não póde confundir.

BRANCA

Como esta chuva é fria!

MAGUELONNE

Não o mates!

SALTABADIL

Cantiga!

MAGUELONNE

Irmão!

SALTABADIL

Já me exaspera!

Repito: ha de morrer. Silencio!

MAGUELONNE (*irritada*)

E eu não quero!

Vou lá acima acordal-o; ahí está!

BRANCA

Bom coração!

SALTABADIL

E os dez escudos d'oiro?

MAGUELONNE

É verdade.

SALTABADIL

Ouve; então!

Deixa-m'o ir lá matar.

MAGUELONNE

Não! não! não me desdigo.

(Maguelonne colloca-se resolutamente diante da escada para impedir a passagem ao irmão. Saltabadil, vencido pela resistencia, volta para traz, e parece procurar no espirito um meio de conciliar tudo).

SALTABADIL

Escuta. A meia noite, o outro vem ter commigo.

Se d'aqui até lá, qualquer, quem, não me importa,
 Vier pedir pousada, e bater a esta porta,
 Agarro-o, mato-o, e em vez do teu Apollo ideal
 Metto-o dentro do sacco. O outro não dá por tal,
 A escuridão illude-o. O que elle quer, em summa,
 É uma pessoa a quem lance ao rio: dou-lhe uma,
 Acabou-se. É o que póde arranjar-se.

MAGUELONNE

Obrigada!

Quem demonio crês tu que passe ahi na estrada,
 Com semelhante noite?

SALTABADIL

É o meio só que existe.

MAGUELONNE

A taes horas!

BRANCA

Meu Deus! O que me suggeriste!
 Hei de por esse ingrato a minha vida expôr?
 Tão nova ainda. Oh! não! não me tenteis, Senhor!
 (*Troveja*).

MAGUELONNE

É mais facil metter n'esta escarcella o mar,
 Que, em semelhante noite, alguém aqui passar!

SALTABADIL

Pois se ninguem vier, mata-se o capitão.

BRANCA (*tremendo*)

Que horror! e se eu chamasse, e se gritasse? — Oh! não!
Denunciar meu pai decerto esse homem ia.
Mas não quero morrer ainda; quem havia
De tratar de meu pai? de o consolar? Não ousou!
Aos quinze annos morrer! não posso! é horroroso!
Sentir o ferro entrar no peito! Ah!

(*O relogio d'uma torre dá uma badalada*).

SALTABADIL

Atenção!

Lá fóra, n'uma torre, ouço dar horas.

(*Ouvem-se mais duas badaladas*)

São

Onze e tres quartos já. Ninguem virá decerto.
Não se ouve ruido algum; o caes está deserto.
Vamos! é despachar. Só tenho um quarto de hora.

(*Põe um pé no degrau. Maguelonne detem-o, soluçando*).

MAGUELONNE

Um momento!

BRANCA

Pois quê! aquella mulher chora,

E eu ainda hesito, eu que o posso proteger!
Visto elle não me amar, resta-me só morrer!
Morrendo, salvai-o-hei.

(Hesitando ainda)

Sim... sim... mas é horrivel!

SALTABADIL *(a Maguelonne)*

Não! não posso esperar mais tempo, é impossivel.

BRANCA

Ao menos, se eu soubesse o que elles vão fazer-me!
Se não soffrerei muito!... Ó Deus, cahir inerte
Sob o traidor punhal!

SALTABADIL *(procurando sempre des-
prender-se de Maguelonne que o segura)*

Para que hei de esperar
Se ninguem ha de vir que tome o seu lugar?

BRANCA *(tremendo sob a chuva)*

Estou gelada?

(Dirige-se para a porta)

Emfim...

(Detem-se)

Morrer com tanto frio!

*(Arrasta-se, cambaleando para a porta e bate uma panca-
da muito fraca).*

MAGUELONNE

Bateram!

SALTABADIL

Foi o vento. E dá cada assobio!

(Branca bate novamente).

MAGUELONNE

Bateram!

(Corre a abrir o postigo e olha para o exterior).

SALTABADIL

Singular!

MAGUELONNE *(a Branca)*

Que quereis?

(A Saltabadi)

É um rapaz.

BRANCA

Por esta noite asylo.

SALTABADIL

E famoso o terás!

MAGUELONNE

Sim, será longa a noite!

BRANCA

Abri.

SALTABADIL (*a Maguelonne*)

Olha, á cautela,
Dá-me a faca d'ahi; vou dar-lhe uma afiadella.
(*Ella dá-lhe uma faca que elle afia nò ferro d'uma foice*).

BRANCA

Ouço afiar a faca. Oh! meu Deus, é o cumulo
Do supplicio!

MAGUELONNE

Infeliz! bate á porta do tumulo!

BRANCA

Vou pois morrer!

(Cae de joelhos)

Meu Deus, n'este instante fatal,
Perdoo aos que me têm causado tanto mal.
Perdoai-lhes tambem, meu pai, e vós Senhor!
A Francisco Primeiro, a quem dei meu amor,
E me trahiú; perdoo a esse homem que escondido,
Me espera além na sombra e de punhal erguido;
Por um traidor offereço a vida em sacrificio.
Viva alegre e feliz; seja-lhe o céo propicio!

E, sem remorso, possa o meu nome esquecer
Esse ingrato a quem amo, e por quem vou morrer!

(Levantando-se)

Deve estar prompto.

(Vai bater novamente á porta).

MAGUELONNE *(alto a Branca)*

Ahi vai.

(Baixo a Saltabasil)

A faca ainda não corta?

SALTABADIL *(experimentando a lamina na mesa)*

Agora. — Deixa-me ir postar atraz da porta.

BRANCA

Ouçõ quanto se diz! Oh!

(Saltabasil colloca-se por detraz da porta, de maneira que esta, ao abrir para dentro, occulta-o á pessoa que entra, sem o occultar ao espectador).

MAGUELONNE *(a Saltabasil)*

Aguardo o signal.

SALTABADIL *(atraz da porta, de faca erguida)*

Abre.

MAGUELONNE *(abrindo a porta)*

Entraí.

BRANCA *(á parte)*

Elles vão fazer-me tanto mal!

(Recua).

MAGUELONNE

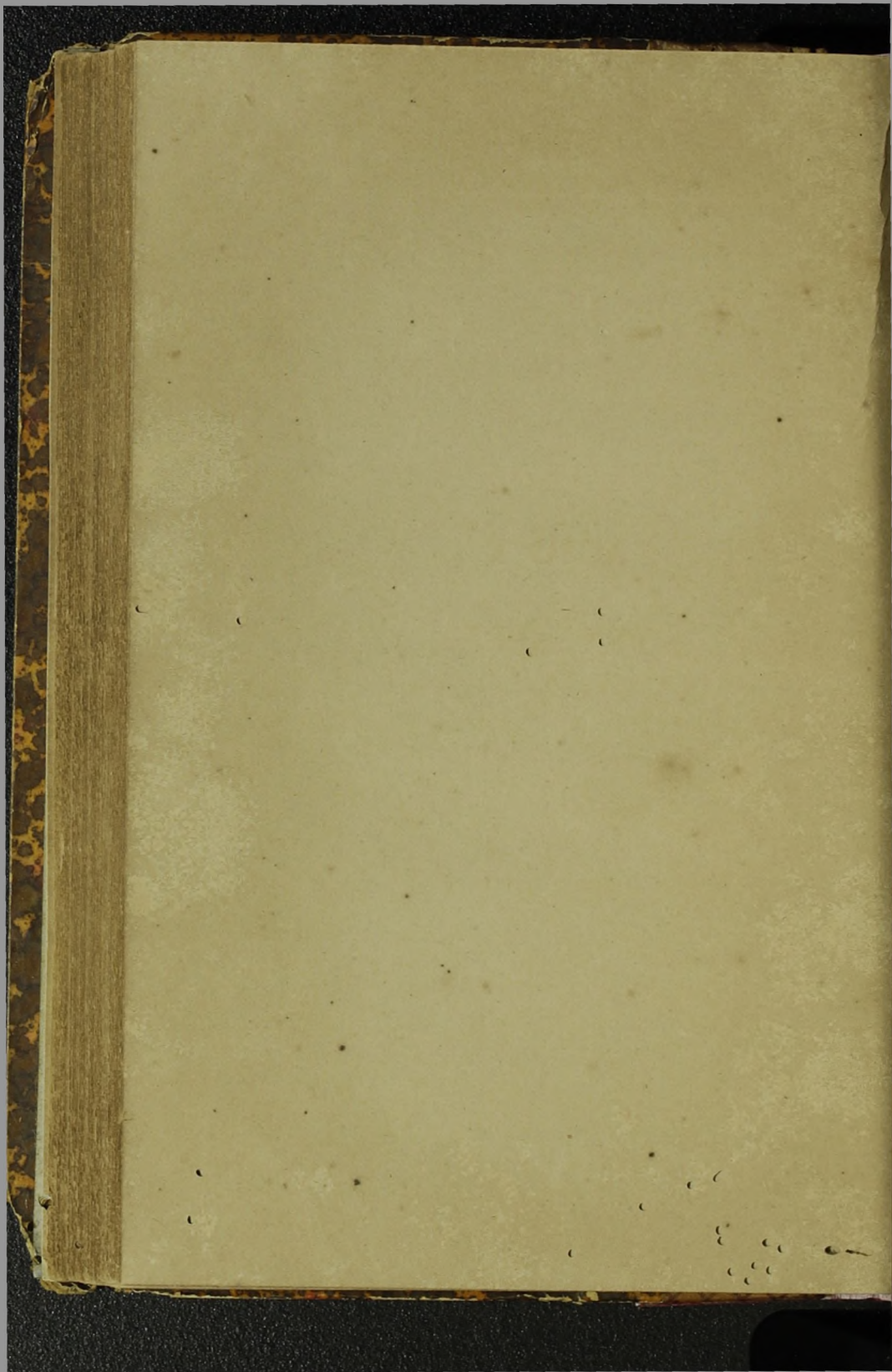
Então? porque esperais?

BRANCA *(com horror, á parte)*

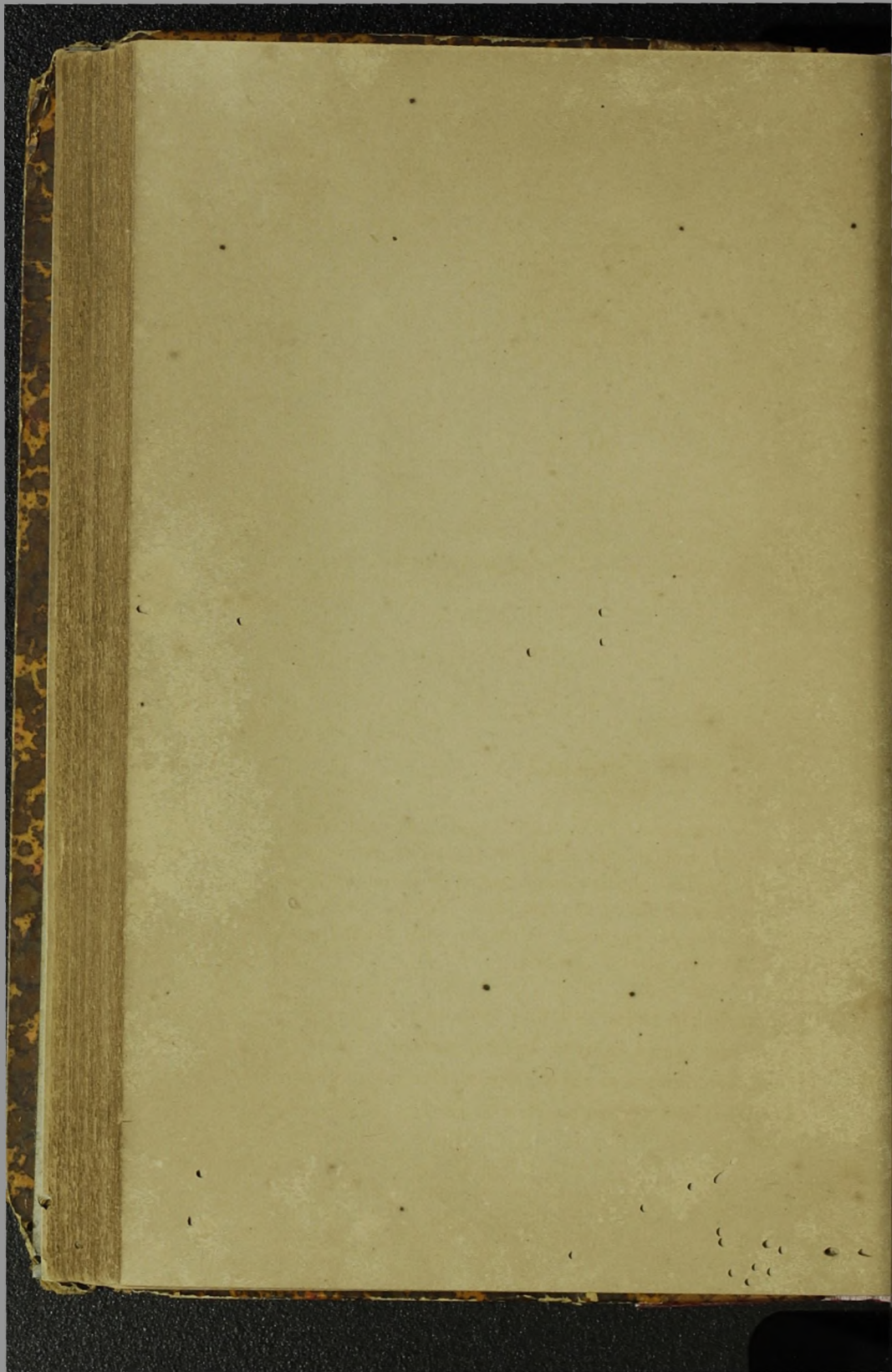
Nas trevas o aço brilha!

Deus! perdoai-lhes! Meu pai, perdôa a tua filha!

(Entra. No momento em que apparece á soleira da porta, vê-se Saltabasil levantar a faca. Caê o panno).



ACTO V
TRIBOULET



ACTO V

TRIBOULET

A mesma decoração, com a diferença apenas de que, quando o panno sobe, a casa de Saltabasil está completamente fechada e ás escuras. A noite é profundissima.

SCENA I

Triboulet, só

(Desce lentamente do fundo, envolto n'uma capa. A tempestade diminuiu de violencia. Cessou de chover. Apenas fuzilam alguns relampagos, e, de quando em quando, ouve-se um trovão longinquo. Triboulet vem mergulhado em profunda meditação, fulgurando-lhe nos olhos uma alegria lugubre).

Vou-me vingar emfim! — É hoje finalmente!

Ha um mez que eu aguardo, attento, paciente,

E que, bobo, aos meus pés a propria raiva piso,

Occultando esta dôr, na mascara do riso!

(Examinando uma porta baixa, na frente da casa)

Aquella porta. . . — Como eu pelo exito anceio! —
É por alli que o outro ha de entregar-m'ò, creio.
A hora ainda não deu. Aguardarei; que importa?
Fico-me aqui á espera, a contemplar a porta. .
— Sim, é d'alli.

(Troveja)

Que noite, e que mysterio encerra!
No céo a tempestade! O assassinio na terra!
Como eu sou grande aqui! Segue esta noite, ó céos,
Minha colera a par da colera de Deus.
Que rei eu mato! — Um rei de quem vinte dependem!
Um rei a cujas mãos a guerra e a paz se prendem!
Sustenta o mundo inteiro a sua espadua forte!
Como tudo ruirá depois da sua morte!
Quando eu cortar o eixo, oh! que horroroso abalo!
Esta enfezada mão com que vou derrubal-o
Vai fazer oscillar a Europa a seu ludibrio,
E forçal-a a buscar n'outro ponto o equilibrio!
E se Deus amanhã á terra perguntasse:
— Ó terra, que vulcão se abriu na tua face?
Quem faz tremer assim, no seu proprio recinto,
Clemente, Soliman, e Doria e Carlos Quinto?
Que Cesar, que Jesus, que apostolo ou guerreiro
Amedronta as nações, agita o mundo inteiro?
Que braço o faz tremer, ó terra, isto que é?
E a terra, com terror, diria: — Triboulet!

Gosa, corcunda vil, o teu odio profundo;
A vingança de um bobo, ha de oscillar o mundo!

*(Entre os ultimos ruidos da tempestade, ouve-se bater
meia noite em uma torre distante)*

Meia noite.

(Corre á casa e bate á pequena porta).

UMA VOZ *(dentro)*

Quem bate?

TRIBOULET

Eu.

A VOZ

Bem.

(Abre-se cautelosamente a porta).

TRIBOULET *(curvado e impaciente)*

Depressa.

A VOZ

Ahi vai.

(Saltavadi! sae quasi de rastos pela pequena porta, puxando por essa abertura, assaz estreita, um involucro pesado, de fórma oblonga, que apenas se distingue na obscuridade. Não traz luz, nem ha luz na casa).

SCENA II

Triboulet e Saltabasil

SALTABADIL

Safa! pesa a valer! Por favor, ajudai.

(Triboulet, agitado por uma alegria convulsiva, ajuda-o a arrastar para fóra um grande sacco, de côr parda-centa, que parece conter um cadaver)

O homem vem aqui.

TRIBOULET

Ah! quero vê-lo bem!

Uma luz!

SALTABADIL

Isso não!

TRIBOULET

Temes que veja' alguem?

SALTABADIL

Os archeiros talvez, ou os guardas do caes.

Diabo! o ruido basta: a luz era de mais.

— O dinheiro.

TRIBOULET (*entregando-lhe uma bolsa*)

Aqui tens.

(Examinando o sacco estendido no chão, enquanto o outro conta o dinheiro)

Tambem no odio ha prazer!

SALTABADIL

Vamos deital-o ao Sena, eu vol-o ajudo a erguer.

TRIBOULET

Deital-o-hei sósinho.

SALTABADIL

Ambos, irá mais breve.

TRIBOULET

Quando se lança á terra, é sempre muito leve
Um inimigo.

SALTABADIL

Ao Sena, é o que quereis dizer.

— Pois bem.

(Indicando um ponto do parapeito)

Não o deiteis alli; póde-se vêr.

(Mostrando-lhe uma brecha no muro)

É mais profundo além. — Adeus. Eu vou-me embora.

(Entra em casa e fecha a porta sobre si).

SCENA III

Triboulet, só, com os olhos fixos no sacco

Eil-o! — Morto! Aqui está! — Quizera vê-lo agora!

(Tacteando o sacco)

Deixal-o! é elle proprio. — Eu sirto-o pelo tacto.

As esporas cá estão rasgando a tãa. É factó,

É elle proprio, sim!

(Erguendo-se e pondo um pé sobre o sacco)

Agora, olhai, sabeis:

Mundo, eis-aqui um bobo, e eis alli um rei! —

E que rei! O maior! o mais temido e ousado!

Eil-o sob os meus pés, aqui aniquilado,

O Sena por sepulchro e por mortalha um sacco!

E quem fez tudo isto?

(Cruzando os braços)

Eu só! ignobil, fraco!

A mim proprio me espanta a esplendida victoria,

E os povos amanhã duvidarão da historia!

O porvir que dirá? as novas gerações?

Que dirão d'este caso as pavidas nações?

Destino! como tu jogas a vida e a morte!
Um dos maiores reis, dos fortes o mais forte,
Francisco de Valois, amado pelos seus,
Rival de Carlos Quinto; um rei de França, um deus,
Senhor de legiões, vencedor de batalhas,
Cujo passo abalava as bases das muralhas,

(Troveja de espaço a espaço)

O heroe de Marignan, que, n'uma noite só,
Esquadrões e esquadrões fez revolver no pó,
E que ao nascer do sol, nas mãos ensanguentadas,
Tinha um fragmento só, resto de tres espadas;
Este rei glorioso e quasi omnipotente,
Ó Deus, como elle vai sumir-se bruscamente,
De subito passar, com sua gloria immensa,
Com seu nome, e esplendor, e a côrte que o incensa,
Levado, como um filho espurio, mal nascido,
Em noite de trovões, por um desconhecido!
Uma côrte, um reinado, um sec'lo se evapora
Qual fumo! Quem se erguia em refulgente aurora,
Dissipou-se, acabou, sem que já nada reste!

(Fulge um relampago)

Relampago que fulge e passa — assim como este!
E talvez amanhã, baldos arautos vão,
Mostrando montes d'oiro e erguendo este pregão,
Entre o povo a pasmar da inverosemelhança:
— A quem achar o rei! perdeu-se o rei de França!

Sim, é maravilhoso!

(Depois de silencio)

Ó filha idolatrada,
Eil-o afinal punido, eis-te afinal vingada!
Oh! como eu precisava o sangue do malvado!
Um pouco d'oiro, e é meu!

(Inclinando-se, com raiva, sobre o cadaver)

Ouves-me, scelerado?
Minha filha, tão meiga, e innocente, e boa,
Que vale muito mais que a tua própria corôa,
Roubaste-m'a sem dó, para depois, bandido,
Me entregares, sem honra, esse anjo poluido!
Agora, ouves? sou eu que a tua vida extingo,
Sou eu que estou aqui, que rio e que me vingo!
Louco! porque eu fingi ter esquecido tudo,
Incauto adormecer sob o punhal agudo
Da cólera d'um pai que a dôr enorme enluta!
Oh! não! n'esta batalha, esta renhida lucta
Do forte contra o fraco, o fraco é vencedor!
Quem te lambia os pés, tem-te a seus pés, traidor!
És meu!

(Inclinando-se cada vez mais para o sacco)

Ouves-me bem? sou eu, rei gentilhomem,
Eu, o bobo, o truão, este pedaço de homem,

Este vil animal a quem chamavas: cão! —

(Bate no cadaver)

É que, quando a vingança envolve o coração,
Por mais abjecto e ruim, nada lá dentro dorme;
Ergue-se o mais rasteiro, o vil torna-se enorme,
O escravo o odio arranca ao fundo do seu asco,
Do gato faz-se um tigre e do bobo um carrasco!

(Endireitando-se um pouco)

Que prazer fôra o meu, se elle me ouvisse ainda,
Sem mover-se!

(Inclinando-se de novo)

Ouves bem? Vê como a gloria finda!

Vai, no fundo do Sena, entre as escorias vis,
Vêr se a corrente, ó rei, te leva a S. Diniz.

(Erguendo-se)

Á agua o rei de França!

(Pega no sacco por uma ponta e arrasta-o para a margem. No momento em que o depõe sobre o parapeito do caes, entreabre-se com precaução a porta baixa da casa. Sae Maguelonne, olha em torno a si, inquieta, faz um gesto de quem não vê coisa alguma, torna a entrar, e reapparece um instante depois com o rei, a quem indica, por gestos, que já alli não está ninguém e que pôde retirar-se. Torna a entrar, fechando a porta. O rei atravessa a praia na direcção que lhe fôra indicada por

*

Maguelonne. É n'este momento que Triboulet se dispõe a lançar o sacco ao Sena).

O REI *(cantando, ao fundo)*

Qual penna que o vento leva,
A mulher sempre varia!

TRIBOULET *(estremecendo)*

Esta voz! é impossível!
É uma allucinação! um pesadelo horrivel!
(Volta-se e, aterrorisado, applica os ouvidos. O rei tem desaparecido, mas ouve-se ainda cantar ao longe).

A VÔZ DO REI

Ai! bem tolo quem se fia
Nas loucas promessas de Eva!

TRIBOULET

Maldição! não é elle o que aqui está, Deus meu!
Deixaram-n'o evadir-se, alguem o protegeu!
Enganaram-me!

(Correndo á casa inteiramente fechada e ds escuras)

Infame!

(Examinando as duas faces da casa, como a procurar-lhe um ponto vulneravel para a escalar)

Está tudo fechado!

(Voltando para junto do sacco, com furor)

Mas quem trouxe então elle aqui, o scelerado?

Que innocente, meu Deus!

(Tacteando o sacco)

Sim, é um corpo humano!

(Rasga o sacco d'alto a baixo com o punhal e olha com anciedade)

Não vejo! a noite é negra! — Oh! que fatal engano!

(Voltando-se desvairado)

Não passa aqui ninguem! nem uma só luz brilha!

(Debruçando-se com desespero sobre o sacco, e erguendo-se em seguida)

Um relampago, ó Deus!

(Curva-se de novo e fica por alguns instantes com os olhos fixos no sacco entreaberto e do qual saem a cabeça e parte do tronco do corpo de Branca).

SCENA IV

Triboulet e Branca

TRIBOULET

(Fulge um relampago; levanta-se e recua com um grito frenetico)

Que vejo! É minha filha!

Inferno, terra, céo! minha filha está aqui!

(Tacteando as mãos)

Sinto sangue nas mãos! — Mas foi ella que eu vi!
 Minha filha! mas como? É um prodigio horrivel!
 Uma visão cruel! Oh! não! não é possivel!
 Minha filha partiu para Évreux ha uma hora!
 É uma allucinação! a febre me devora!

(Cabindo de joelhos junto do corpo, com os olhos no céu)

Senhor! Senhor! piedade! os olhos meus desvela!
 Não! não é minha filha, ó meu Deus!

(Novo relampago fulge e lança uma viva claridade sobre o rosto pallido e os olhos fechados de Branca)

Sim! É ella!

É ella mesma!

(Lançando-se sobre o corpo a soluçar)

Filha! escuta os meus gemidos!
 Mataram-te? oh! responde! oh! infames! bandidos!
 Ninguem aqui! Ninguem este caminho trilha!
 Dize! quem te matou? Responde, filha! filha!

BRANCA *(como reanimada pelos gritos de seu pai, entreabrindo as palpebras e com voz extincta)*

Quem me chama?

TRIBOULET (*transportado*)

Ella falla! Oh! não morreu! mentira!
Bate-lhe o coração! abre os olhos! respira!

BRANCA (*ergue-se um pouco. Está em camisa, toda ensanguentada, os cabellos soltos; a parte inferior do corpo, ainda vestida, está occulta dentro do sacco*)

Onde estou?

TRIBOULET (*erguendo-a nos braços*)

Filha! amor! D'esse deliquio sae!
Reconheces-me a voz? Tu ouves-me?

BRANCA

Meu pai!

TRIBOULET

Que te fizeram, Branca? — Oh! martyrio infernal!
Eu nem te ousou tocar; temo fazer-te mal.
Não vejo nada! Filha! Oh! guia a minha mão.
Feriram-te? onde foi?

BRANCA (*com voz entrecortada*)

Chegou-me ao coração

O ferro, — bem senti.

TRIBOULET

Quem foi o scelerado?

BRANCA

A culpa é minha só, — eu tinha-te enganado —
Amava-o muito — e quiz salvá-o . . .

TRIBOULET

Negra sina!

Foi a minha vingança! é Deus que me fulmina!
Mas como é que isso foi? explica-te, anda, falla!

BRANCA (*moribunda*)

Eu não posso fallar!

TRIBOULET (*cobrinde-a de beijos*)

Perdôa! — Eu vou mata-la!

Oh! mas perder-te assim! — O sangue não se estanca!

BRANCA (*fazendo um esforço para se voltar*)

Oh! Deixa-me voltar. — Suffoco!

TRIBOULET (*erguendo-a, com angustia*)

Branca! Branca!

Ella morre!

(Voltando-se desesperado)

Socorro! Alguem! vinde! acudi!
Querem deixar morrer a minha filha aqui!
— A sineta de alarme, além... Se eu fosse lá?...
Pódes esperar, filha, um instante, que eu vá
Buscar agua e chamar alguém? — Um só momento!

(Branca faz-lhe signal de que é inutil)

Não? não queres? mas é preciso! — Que tormento!

(Chamando, sem a deixar)

Quem acode!

(Silencio por toda a parte. A casa fica impassivel na sombra)

Esta casa é um sepulchro horrivel!

(A filha agonisá)

Não morras, meu amor! minha filha! É impossivel
Que tu morras assim! — Branca! Branca! O que faço
Eu no mundo sem ti?

BRANCA

Oh!

TRIBOULET

Magoou-te o meu braço?

Não está bem assim, não é verdade? — Espera;
Agora está melhor. As forças recupera;

Procura respirar, até que venha alguém
Que possa socorrer-te. — Oh! mas ninguém! ninguém!

BRANCA (*com voz extincta e com
esforço*)

Perdoai-lhe, meu pai. . . — Adeus!

(*Pende-lhe a cabeça*).

TRIBOULET (*arrancando os cabellos*)

Branca! Ella morre!

(*Corre á sineta da barca da passagem e sacode-a com fu-
ror*)

Acudam-me! assassínio! a mim! quem me socorre!

(*Voltando para junto de Branca*)

Uma palavra mais, por piedade, falla!

(*Tentando erguel-a*)

Inerte o corpo é já! não posso levantá-la!

Morta aos quinze annos! não, não póde ser! Piedade,

Senhor! — Branca, deixar teu pai n'esta anciedade!

Nunca mais te hei de ouvir, Branca? perder-te assim!

(*Entram varios populares que acodem ao chamamento
com archotes*)

Foi desapiedado o céo, dando-me este anjo a mim!

Porque não te levou o céo descaroavel

Antes de eu conhecer tua alma boa e affavel?

Porque me deixou Deus gosar esse thesouro?
Porque não te arrastou da morte o sorvedouro
Quando, tão pequenina, um dia tu cahiste?
Filha! Filha!

SCENA V

Os mesmos, homens e mulheres do povo

UMA MULHER

Meu Deus! como esta scena é triste!
Confrange o coração!

TRIBOULET (*voltando-se*)

Chegaram! que demonio!

A boas horas vêm!

(*Agarrando no braço d'um carroceiro que tem o chicote na mão*)

Responde-me, camponio,
Tu tens um carro?

O CARROCEIRO

Sim. — Temo que se enfureça?

TRIBOULET

Pois bem; sob uma roda esmaga-me a cabeça!

(*Volta a lançar-se sobre o corpo da filha*)

Oh! filha!

UM ASSISTENTE

Um assassinio; um pai no desespero,
Com certeza. É melhor separal-os.

(Querem levar d'alli Triboulet que se debate).

TRIBOULET

Não quero!

Deixai-me junto d'ella; eu quero vê-la! Oh! peço!

Mas que mal vos fiz eu? ide, não vos conheço!

(A uma mulher)

Senhora, convencei esta gente implacavel;

Dizei-lhe que me deixe!

(A mulher intercede por elle. Triboulet volta para junto de Branca, cahindo de joelhos)

A seus pés, miseravel!

De joelhos, aqui, morre ao pé d'ella! Sim!

A MULHER

Mas socegai; se foi para gritar assim,

Tornam-vos a levar.

TRIBOULET *(desvairado)*

Oh! não! não grito!

(Tomando Branca nos braços)

Creio

Que ella respira ainda; eu sinto arfar-lhe o seio.

Ide chamar depressa um medico á cidade.
Deixai-me aqui. Estarei tranquillo. — Por piedade!

*(Unindo a filha contra si e collocando-a como uma mãe
ao filho adormecido)*

Não! ella não morreu! Deus tal não permittia;
Deus bem sabe que ella é toda a minha alegria,
Tudo quanto possuo. — Ah! quando se é disforme,
Não temos quem nos ame, ou quem sequer se informe
Dos nossos males. Ella é o meu amor e esteio;
Quando riem de mim, vem chorar no meu seio!
—Tão linda e morta! Oh! não! — Dêem-me um lenço, um panno,
Para limpar-lhe o rosto.

(Limpa-lhe o rosto)

Ai! quando tinha um anno,
Que rosto alegre o seu! Parece-me ainda vê-lo!
Se a vissem! Tão bonita! e tão loiro o cabello!
— Era loira em criança. —

(Unindo-a com transporte contra o coração)

E morta! desgraçada!
Minha Branca, meu bem, minha filha adorada!

(Socegando e admirando-a)

Quando era pequenina, eu conchegava-a a mim,
E dormia ao meu collo, exactamente assim.
Ao acordar — se vós a visseis! — sem receio,
Sem médo lhe causar meu corpo assim tão feio,

Ria-se para mim, os olhos muito vivos,
 E eu enchia-lhe as mãos de beijos expansivos.
 — Pobre anjinho! — Morreu! — Oh! não! dorme, reposa.
 Ha pouco estava inquieta, afflicta, era outra coisa.
 Agora socegou, adormeceu. Em breve,
 Vêl-a-heis despertar. — Tem o somno tão leve!
 Bem vêdes: já estou mais tranquillo, já estou bem.
 Eis-me quieto aqui, não offendo ninguem.
 Eu já não grito mais. Ninguem d'aqui me arranca,
 Pois não? Podeis deixar-me ao pé da minha Branca!

(Contempla-a)

Nem uma ruga só no rosto o mal revela.
 Já entre as minhas mãos aqueci as mãos d'ella.
 Vêde, estão quentes já, vêde!

(Entra um medico).

A MULHER *(a Triboulet)*

O cirurgião.

TRIBOULET *(ao cirurgião que se aproxima)*

Observai-a, senhor, eu não me opponho, não.
 Vêde, está desmaiada apenas.

O CIRURGIÃO *(examinando Branca)*

Está morta.

(Triboulet ergue-se de pé, n'um movimento convulsivo).

Largo e profundo golpe um dos pulmões lhe corta.
É já rígida e fria, a pupilla não brilha.

TRIBOULET

Eu matei minha filha! Ai! matei minha filha!

(Cae pesadamente no chão).

FIM.

